Master Negative Storage Number

OCI00047.09

A s t u c i a s subtilissimas de Bertoldo

Porto

1892

Reel: 47 Title: 9

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00047.09

Control Number: ACA-0684
OCLC Number : 04542984
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 9
Title : Astucias subtilissimas de Bertoldo, villão de agudo engenho e sagacidade, que depois de varios accidentes e estravagancias foi admittido a cortezão : obra de grande recreio e divertimento / traduzida para portuguez do idioma italiano.
Imprint : Porto : Lello & Irmão, 1892.
Format : 31 p. ; 25 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/28/94
Camera Operator: RT

LIVRARIA DO POVO
N.º 31.

ASTUCIAS SUBTILISSIMAS

DE

BERTOLDO,

VILLÃO DE AGUDO ENGENHO E SAGACIDADE, QUE DEPOIS DE VARIOS ACCIDENTES E ESTRAVAGANCIAS FOI ADMITTIDO A CORTEZÃO.

OBRA DE GRANDE RECREIO E DIVERTIMENTO,
TRADUZIDA PARA PORTUGUEZ DO IDIOMA ITALIANO.

PORTO.
LIVRARIA = *LELLO & IRMÃO* = EDITORA.
18, Rua do Almada, 20,

1892.

DAMAGED PAGE(S)

AUG 21 19[redacted]

ASTUCIAS DE BERTOLDO.

INTRODUCÇÃO.

No tempo em que Alboino, rei dos longobardos, tinha a sua côrte na cidade de Verona, e que já era senhor de quasi toda a Italia, appareceu na cidade um villão chamado Bertoldo, homem disforme, e de horrenda presença; mas onde faltava a formosura de pessoa, suppria a vivacidade do engenho, pois era muito agudo, e prompto nas respostas; e além da sua grande agudeza, era tambem astuto, malicioso, e desastrado de natureza, como são a maior parte dos villões; e a sua estatura era tal, como adiante se descreve.

FORMOSURAS DE BERTOLDO.

Era este de pequeno corpo; tinha a cabeça grande e redonda como uma bola; a testa comprida, e enverrugada; os olhos vermelhos como o fogo; as sobrancelhas compridas e asperas como cerdas de porco; as orelhas asnaticas; a bôca grande e algum tanto torta, com o beiço de baixo cahido, como de cavallo; a barba densa debaixo do queixo e tambem cahida, como a do cabrão; o nariz arrebitado e arreganhado para cima com as ventas mui largas; os dentes deitados para fóra, como os do porco montez, com trez ou quatro caroços debaixo da garganta, os quaes ao tempo que elle fallava, pareciam tantas panellas que ferviam; tinha as pernas similhantes ás de cabra, que parecia um Satiro; os pés compridos e largos; o corpo todo cabelludo; as suas meias eram de grossa lã, todas arremendadas; os seus sapatos altos e com tacões mui grossos; e finalmente era este homem em tudo differente de Narciso.

ASTUCIAS DE BERTOLDO.

Sua ousadia quando entrou no palacio de el-rei Alboino.

Passou Bertoldo por meio de todos aquelles grandes do reino e varões que faziam a côrte a el-rei sem tirar o chapeo, nem fazer acto algum de reverencia, e foi logo assentar-se junto a el-rei, o qual, como era de natural benigno, gostava de galantear, logo suppoz que aquelle homem fosse de algum extravagante humor, visto que a na-

tureza muitas vezes costuma infundir em similhantes corpos monstruosos certos particulares, que não reparte com todos assim largamente: pelo que, sem alguma alteração, antes mui agradavelmente, começou el-rei a interrogal-o d'esta maneira:

Conversação entre el-rei e Bertholdo.

R.—Quem és tu, quando nasceste, e de que terra és?

B.—Eu sou um homem, nascido quando minha mãe me pariu, e a minha terra é este mundo.

R.—Quem são os teus ascendentes ou descendentes?

B.—Os feijões, que, fervendo ao lume, sobem e descem acima e abaixo pela panella.

R.—Tens tu pae, mãe, irmãos e irmãs?

B.—Tenho pae, mãe, irmãos e irmãs, mas todos estão mortos.

R.—Como os tens tu, se já morreram?

B.—Quando eu sahi de casa, deixei-os todos dormindo, e por isto te digo que todos estão mortos; porque de um que dorme a um defunto, pouca differença faço; tanto assim, que o somno se chama irmão da morte.

R.—Qual é a coisa mais ligeira que ha?

B.—O pensamento.

R.—Qual é o melhor vinho que ha?

B.—O que se bebe em casa alheia.

R.—Qual é aquelle mar, que nunca se enche?

B.—A cubiça do homem avarento.

R.—Qual é a coisa mais feia, que se acha em um moço.

B.—A desobediencia.

R.—Qual é a coisa mais feia, que está em um velho?

B.—A lascivia.

R.—Qual é a coisa mais feia, que está em um mercador?

B.—A mentira.

R.—Qual é aquella gata, que por diante te lambe, e por detraz te arranha?

B.—A mulher mundana.

R.—Qual é o maior fogo que ha em casa?

C.—A mulher impertinente, e a ruim lingua do criado.

R.—Quaes são as enfermidades incuraveis?

B.—A loucura, o cancro e as dividas.

R.—Qual é o filho que queima a lingua a sua mãe?

B.—A torcida da candeia.

R.—Como fizeras para trazer-me agua em um crivo e não a entornar?

B.—Esperaria o tempo da neve e depois t'a traria.

R.—Quaes são aquellas coisas que o homem busca e não quizera achal-as?

B.—Os piôlhos na camisa, os calcanhares rotos e o necessario sujo.

R.—Como fizeras para apanhar uma lebre sem correr?

B.—Esperaria que estivesse cozida e depois a apanharia.

R.—Tu tens bons miólos, se elles se podessem vêr.

B.—E tu terias uma bella feição, se não comesses.

R.—Ora pois, pede-me o que quizeres, que eu estou aqui prompto para dar-te tudo o que me pedires.

B.—Quem não tem para si mal póde dar a outrem.

R.—Porquê? Não posso eu dar-te o que desejares?

B.—Eu procuro a felicidade, e tu não a tens, logo não m'a pódes dar.

R.—Que? Não sou eu feliz, estando assentado n'este alto throno, como me vês?

B.—Quem mais alto se assenta, mais arriscado está a cahir e precipitar-se.

R.—Olha quantos senhores e varões me estão rodeando, para obedecer-me e honrar-me?

B.—Tambem os formigões estão ao redor da sorva, e lhe roem a pelle.

R.—Eu resplandeço n'esta côrte, assim como resplandece o sol entre as miudas estrellas.

B.—Dizes bem; mas vejo muitas offuscadas da adulação.

R.—Ora bem, queres tu ser homem da côrte?

B.—Não deve procurar grilhões, quem se acha em liberdade.

R.—Pois que motivo te obrigou a vir cá?

B.—O cuidar que um rei fosse dez, ou doze pés mais alto que os outros homens, e que entre elles tivesse a mesma eminencia, que tem as torres dos sinos sobre as casas, mas eu vejo que tu és um homem ordinario como os outros, comquanto sejas rei.

R.—É verdade que sou ordinario de estatura; mas de poder e riqueza sou mais agi-

gantado entre os outros homens, não só dez pés, mas cem e mil braças: porém quem te manda intrometter n'essas coisas?

B.—O burro do teu feitor.

R.—Que tem que fazer o burro do meu feitor com a grandeza da minha côrte?

B.—Primeiro que tu fosses rei, e que a tua côrte fosse côrte, já o burro tinha fallado quatro mil annos antes.

R.—Ah, ah, ah, oh esta sim, que é para rir!

B.—O riso é sempre abundante na bôca dos doidos.

R.—Tu és um villão mui malicioso.

B.—A minha natureza assim o fez.

R.—Ora vamos; eu te ordeno que já, já saias da minha presença, senão mandar-te-hei deitar fóra de outra sorte mais ruim e vergonhosa.

B.—Eu me irei, sim; mas adverte que as moscas téem por instincto, ainda que as deitem fóra, tornar logo: assim, se me fizeres mandar embora, tambem eu tornarei novamente a molestar-te.

R.—Ora vae, e se não tornas a vir á minha presença, como fazem as moscas, te mandarei cortar a cabeça.

Astucia de Bertoldo.

Foi-se Bertoldo: e indo para casa, tomou um burro velho que tinha, todo esfolado nas ancas e nas ilhargas, e quasi comido das moscas; e montando em cima d'elle, tornou novamente a palacio, levando comsigo uma immensidade de moscas e de vespas, que todas juntas faziam uma grande nuvem, de sorte que mal se via; chegando diante de el-rei, lhe disse:

B.—Eis aqui torno á tua presença.

R.—Não te disse eu, que se tu me tornasses a apparecer de outra sorte, senão como fazem as moscas, te faria separar a cabeça do corpo?

B.—Por ventura não andam as moscas sobre os burros pôdres?

R.—Andam, e por isso...

B.—E por isso eis aqui que eu venho em cima d'um burro todo esfolado e carregado de moscas, como tu estás vendo, de fórma que já o téem comido quasi todo e a mim tambem: logo, pois, não tenho feito o que prometti?

R.—Tu és um grande homem. Ora vae, que eu te perdôo; e vós, olá, levae-o a comer.

B.—Não deve comer quem ainda não acabou a obra.

R.—Porque? tens tu ainda mais que dizer-me?

B.—Ainda eu não comecei.

R.—Muito bem. Ora, deita fóra esse animal pestilente; e tu retira-te alguma coisa para essa parte, porque vejo vir duas mulheres que devem querer lhe dê audiencia; e logo que as tiver despedido tornaremos a conversar.

B.—Emfim eu me vou; mas procura dar sentença justa.

Demanda entre duas mulheres.

Vieram pois as duas mulheres diante de el-rei, uma das quaes tinha furtado um espelho á outra; aquella, de quem era o espelho, se chamava Aurelia: e a outra, que o tinha furtado, se chamava Lisa, a qual tinha o espelho na mão, e Aurelia, queixando-se a el-rei disse:

Aurelia—Sabei, Senhor, que esta mulher hontem á noite entrou na minha camara e me roubou aquelle espelho de vidro que tem na mão; eu lh'o pedi repetidas vezes, ella o nega e não m'o quer restituir, e por isso peço justiça.

Lisa—Isto não é verdade; antes ha alguns dias que eu o comprei do meu dinheiro; não sei como esta mulher tenha tanto atrevimento de pedir o que não é seu.

Aurelia—Ah! justissimo rei, não dês credito ao que esta mentirosa te diz, porque ella é uma ladra publica, não tem consciencia, e saiba vossa magestade que eu não exporia a pedir o que não é meu por [illegible] tas riquezas ha no mundo.

Lisa—Oh que consciencia de Misser Chapelote! Ella sabe muito bem fazer crêr que lhe assiste toda a razão: e quem se fiasse em vós, ó irmã, não saberia achar outra melhor! Mas nós estamos diante de um juiz, que conhecerá a minha innocencia e a vossa falsidade.

Aurelia—Oh terra! Porque te não abres para engolir esta maliciosa invencioneira, que tão descaradamente nega o que é meu; e de mais se empenha em querer dar a entender que tem razão e que eu minto! Oh céo! mostra tu a verdade d'este facto!

Sentença justa de el-rei.

Ora basta: aquietae-vos, que eu vos consolarei; tomae esse espelho, despedaçae-o miudamente, e dêem-se tantos pedaços a uma como a outra, e assim ambas ficarão contentes.

Lisa—Eu me satisfaço: porque d'esta sorte se acabará a contenda entre nós, e não teremos mais bulha uma com a outra.

Aurelia—Não, não; dê-se embora todo inteiro a ella mais depressa do que quebral-o; porque eu não poderia supportar vêr quebrado um espelho tão bonito e talvez algum dia os remorsos da consciencia a obrigarão a restituir-m'o; e assim melhor é que ella o leve inteiro para sua casa e fique aqui acabada a contenda.

Lisa—A sentença de el-rei é a que me agrada; quebre-se o espelho em pedaços, porque assim cessarão as bulhas entre nós; com que vamos ao facto.

Prudencia de el-rei.

Ora eu conheço verdadeiramente que o espelho é d'esta, que não quer que seja despedaçado, pois no pranto, nas lagrimas e nas supplicas que faz, mostra claramente que é sua dona e que est'outra lh'o tirou: seja pois a ella dado o espelho, e a outra mande-se d'aqui para fóra indecorosamente.

Bertoldo rindo-se d'esta sentença diz a el-rei:

B.—Isto não é ter bom conhecimento.

R.—E porque não é conhecimento?

B.—Tu por ventura dás credito ás lagrimas das mulheres?

R.—E porque lh'as não hei de crêr?

B.—Não sabes tu que o seu pranto é um engano, e que cada coisa que ellas fazem ou dizem é com artificio? De sorte que quando choram com os olhos, riem com o coração; suspiram na presença d'um, e logo na ausencia fazem d'elle zombaria, fallam o contrario d'aquillo que cuidam: e por isso as lagrimas que deitam, as afflicções que affectam, as mudanças do rosto, tudo são enganos que téem no pensamento, para satisfazerem os seus ambiciosos e insaciaveis desejos.

Louvor que el-rei dá ás mulheres.

R.—Tanto téem as mulheres de bondade, de entendimento e de prudencia, quanto são sem razão todas estas coisas que tu lhes attribues; e se por acaso uma pecca por fragilidade, deve-se-lhe dar desculpa; porque ellas são mais fracas e mais faceis em cahir n'este defeito do que os homens. Porém, dize-me: não póde dizer-se que está morto aquelle que vive separado de tal sexo? Em primeiro logar a mulher ama a seu marido, cuida nos filhos, ella os cria, os nutre, acostuma-os bem e lhes dá toda a boa educação; a mulher governa a casa, tem cuidado na roupa e nos trastes, é guarda da familia, vigia que as criadas façam a sua obrigação e toma á sua conta o livrar a casa de desordens; a mulher é agradavel no praticar, nobre no conversar, no contractar, e discreta no ordenar; prompta na obediencia, honesta nas suas palavras, modesta no procedimento, moderada no comer, parca no beber, mansa com os de casa e tratavel com os de fóra. E se alguma cáe em algum frenesi, ou humor extravagante, ha pelo contrario mil que são honestissimas e de bem; pelo que para mim tenho, que foi justa a sentença que dei.

B.—Sem duvida bem se vê que tu amas muito as mulheres, e por isso fizeste em seu louvor este grande elogio. Ora, que dirás se te eu fizer desdizer tudo quanto a favor d'ellas tens dito, ainda ámanhã, antes que te vás deitar?

R.—Se tu tal fizeres, confessarei que és o primeiro homem do mundo; mas se o não observares, tem por certo que te mando enforcar, villão ruim.

B.—Está bem; adeus até ámanhã.

D'esta fórma, sendo já tarde, el-rei se retirou á camara, e Bertoldo, depois de ceiar foi tambem deitar-se aquella noite na estrebaria, phantasiando entre si por qual modo faria que el-rei exagerasse o contrario do que tinha dito a favor das mulheres; e, dando em uma boa astucia, dormiu com todo o socego, esperando o dia para pôr em execução o seu designio.

Astucia de Bertoldo.

Chegada a manhã, levantou-se Bertoldo da palha e foi procurar aquella mulher a fa-

vor da qual tinha el-rei dado a sentença e lhe disse:

B.—Tu não sabes o que el-rei tem determinado?

Aurelia—Eu nada sei, se tu o não dizes.

B.—Pois sabe que elle ordenou que o espelho fosse despedaçado, como primeiro tinha dito, e que se désse metade dos pedaços á outra, porque esta apellou da sentença; e como el-rei não quer ouvir maiores queixas sobre este negocio, manda que se conclua, satisfazendo a uma e outra.

Aurelia—Como póde ser que el-rei tenha tomado tal resolução, se elle já sentenceou que o espelho me fosse restituido são e inteiro? Ah! tu zombas de mim: vae-te d'aqui embora.

B.—Eu não zombo certamente. Elle assim o disse e eu o ouvi da sua propria bôca.

Aurelia—Ai de mim! Que oiço? Fará talvez isso para dar satisfação áquella maliciosa mulher? Oh que justa sentença! Oh que acção d'um monarcha! Oh pobre justiça, como te administram bem, se no dia de hoje mais se crê a mentira que a verdade! Oh coitada de mim! Será emfim necessario que te veja em pedaços, meu rico espelho? Uh, uh, uh. *(Chora)*.

B.—Prouvera a Deus que peior não fôra.

Aurelia—E que póde haver peior para mim do que isto?

B.—Elle ordena por sua lei, que cada homem haja de casar-se com sete mulheres; ora vê tu que destruição será para as casas com tantas mulheres.

Aurelia—Como! elle quer que cada homem tome sete mulheres? Oh! isto é muito peior do que se mandasse despedaçar quantos espelhos ha na cidade. Que doidice é esta que se lhe metteu na cabeça?

B.—Eu não sei dizer-te mais do que isto, que da sua propria bôca ouvi: agora toca a vós defender-vos, antes que o mal corra mais adiante.

E tendo-lhe assim deitado esta pulga no ouvido, deixou-a só e foi-se outra vez para o paço, esperando ouvir alguma grande novidade e antes que anoitecesse.

Tumulto das mulheres da cidade causado por Bertoldo.

Tendo-se ido Bertoldo, Aurelia, que cuidou fosse verdade o que elle tinha dito, foi logo buscar as suas visinhas e lhes communicou tudo; e ouvindo ellas taes coisas, ficaram tão fóra de si de raiva e de furia, que começaram logo a bramir por toda a parte; e em menos d'uma hora se espalhou a novidade por toda a cidade, de sorte que se ajuntaram mais de mil mulheres, e depois de terem consultado um bom pedaço sobre a materia, resolveram ir procurar el-rei, e diante d'elle gritar tanto e fazer tanto motim, que finalmente obrigado da importunidade d'ellas, tomasse o expediente de mandar revogar a lei novamente imposta; e assim, todas enfurecidas e cheias de cólera, foram ao paço, aonde todas juntas se pozeram a fazer os maiores ruidos e gritos do mundo, de tal modo, que el-rei se viu quasi doido, porque não sabia a causa de tão grande tumulto; e de todo attonito, cheio de admiração, não podendo já supportar tão grande insolencia, arrebatado de ira e de desdem, pôz de parte a paciencia.

El-rei se enfurece contra as mulheres e Bertoldo o estima.

E voltando áquellas mulheres, lhes disse com cara enfadada: Que novidade é esta que estou vendo? D'onde procede esta sublevação? Quem vos causa tanta cólera? D'onde nasce tanta bulha? Porque fazeis tanto ruido? Por ventura estaes endemoninhadas! Que é o que tendes? Dizei-o em má hora, mulheres do diabo.

Mulheres—Que vaidade é a tua, ó rei? Que loucura se te metteu na cabeça (respondeu uma das mais afoutas e raivosas). Que frenesí te obriga, ou como te pertence ordenar, que cada homem se case com sete mulheres? Oh que nobre consideração de um monarcha discreto! Porém sabe, e tem por certo que n'isto não serás obedecido.

R.—Que é o que dizeis loucas? Fallae mais baixo, de sorte que vos entenda, e então vos responderei.

Mulheres—Que fallemos baixo? Antes seria necessario tirar-te d'esse throno real onde estás assentado, e tirar-te fóra ambos os olhos.

R.—Que injurias e que desprazer vos tenho feito? Dizei claramente, cadellas raivosas, o que pretendeis, e não vos suffoqueis tanto.

Mulheres—Não o dissemos já uma vez?

R. — Eu não vos entendi; tornae a dizer.

Mulheres — Não ha peior surdo, do que aquelle que não quer ouvir. Nós tornamos a dizer, que tu fizeste um grande erro em ordenar por lei, que cada homem haja de conjugar-se com sete mulheres, e que tu deverias cuidar nos negocios do reino e não intrometter-se n'aquelles que te não pertencem: entendestes agora? Melhor seria que fizesses com que cada mulher podésse desposar, sete maridos; pois isto seria mais conveniente. Mas bem se vê que não tens nenhum juizo, e que és um doidinho.

El-rei manda embora as mulheres e exaspera-se contra o sexo feminino.

Ah sexo ingrato e descortez! quando ordenei eu tal lei? Ide-vos já, já da minha presença em má hora, desavergonhadas, importunas; pois agora conheço claramente que o nome de mulher não significa mais que mal e damno; e o de femea, fera que semeia discordias e inquietações, que da casa d'onde ella se vae, leva atraz de si quanto póde com a cauda; e onde entra, deita chammas e fogo; e ella é uma fonte de enganos e de traições; um labyrintho infernal, no qual continuamente se ouvem os prantos e as queixas lamentaveis dos maridos; as ruinas dos paes; tormentos e açoites dos irmãos; vergonha dos parentes e perdição das casas; finalmente, são pena e afflicção de todo o genero humano. Ide-vos por uma vez com mil diabos, e não torneis a apparecer mais diante de mim, espiritos infernaes, gente endiabrada. Vejam lá que motins, que disparates téem feito estas doidas soltas, sem motivo de nada; porém se eu chegar a saber quem foi o auctor d'esta novidade, não tenha mêdo, eu lhe darei bom pago, como elle o merece.

Graças ao Céo, que uma vez acabaram de ir-se estas insolentes, que pouco faltou para me tirarem os olhos com os dedos.

Depois que as mulheres se foram e que el-rei estava algum tanto mais pacificado, Bertoldo, que tinha estado de parte escutando tudo, como o seu designio teve o effeito que desejava, sahiu á presença de el-rei, rindo-se, e lhe disse:

B.—Que dizes agora, rei? Não disse eu que antes de hoje te ires deitar, lerias o livro ás avéssas d'aquillo que hontem elogiaste a favor das mulheres? Ora vê se ellas te desenganaram.

R.—Oh que humores diabolicos! Ir procurar invenção, para dizer, que eu tinha ordemnado que cada homem houvesse de casar com sete mulheres, coisa que nunca imaginei, nem mesmo me passou pelo sentido. Oh que mulheres malditas! Oh que casta damnada!

B.—Tu lembras-te das promessas que ha entre nós?

R.—Tens razão; vem e assenta-te commigo n'este throno real, pois que o mereceste.

B.—Não podem caber quatro nádegas em o mesmo assento.

R.—Eu mandarei fazer outro junto a este, para tu te assentares, e darás commigo audiencia.

B.—Amor e soberania, não querem companhia; e assim governa tu só, que és senhor.

R.—Eu suspeito que tu tenhas sido o auctor d'esta bulha.

B.—Dizes a verdade; mas não me pódes castigar, porque eu procurei, como pude, observar quanto tinha promettido.

R.—Ora bem; já que esta invenção foi tua, eu te perdôo: porém, dize-me como teceste esta malicia.

B. — Eu fui a casa d'aquella mulher, a quem tu concedeste o espelho, e lhe metti na cabeça que querias outra vez se despedaçasse e que se désse metade á sua adversaria; e de mais, que tinhas ordenado houvesse de ter cada homem sete mulheres, de sorte que transportada de cólera por estas novidades, ajuntou aquelle grande numero de mulheres que viste e fizeram o motim que ouviste.

El-rei se arrepende de ter dito mal das mulheres e torna outra vez a gabal-as.

Tu és um grande inventor, mas de malicia: hoje ias quasi causando uma desordem. E como não haviam de ter uma e mais de mil razões aquellas mulheres, para se pôrem contra mim! Eu não podia crer que o seu sexo tivesse perdido tão de repente o juizo, de sorte que fizessem tamanhos alaridos, sem terem mui justificados motivos para isso: e que maior o podiam ter do que este, que tu lhe déste de se irritarem contra mim? É

certo que não, e a mim igualmente déste causa de dizer contra ellas o que não quizera ter dito, nem por todas as riquezas do mundo; pois já me arrependo e me peza muito d'isso, e torno novamente a dizer, que o homem sem a mulher é como uma vinha sem cêpa, um jardim sem repuxo, rio sem barca, prado sem flores, bosque sem folhas, espiga sem trigo, arvore sem fructo, cidade sem praça, castello sem guarnição, palacio sem janellas, torre sem escada, rosa sem cheiro, annel sem pedra, pinheiro sem sombra, mar sem peixe, flores sem plantas; e finalmente, todo aquelle que se achar sem esta agradavel companhia, póde dizer-se que é um espelho embaciado e um diamante que não brilha.

B.—E tambem um burro sem cabeçada.

R.—Tu sim, que és essa insolente besta.

B.—Conheceste-me logo á primeira; ora, como eu vejo que proteges tanto as mulheres, não quero que fallemos mais n'isso; o passado, passado.

R.—Quem quizer ser meu amigo, não diga mal das mulheres, porque ellas não fazem mal a ninguem, não trazem armas, não armam bulhas, são todas mansas, socegadas, benignas, quietas, amaveis, adornadas de todas as virtudes, e por isso não queiras incitar outra vez o meu desdem contra ellas, porque, se o fizeres, te mandarei dar o castigo que mereces.

B.—Eu prometto de não tocar mais nas cordas d'esta viola; cuidaremos em outras coisas e seremos amigos.

R.—Sim, porque diz o dictado: Não contendas com homem potente e está arredado da agua corrente.

B.—Tambem da agua que não corre; porque homem mudo, engana tudo.

A rainha manda pedir a el-rei que quer vêr Bertoldo.

Emquanto estava assim fallando familiarmente el-rei com Bertoldo, chegou um criado da rainha, o qual disse a el-rei, que ella desejava vêr Bertoldo, e pedia a sua magestade lh'o mandasse; e que como tinha ouvido dizer que elle tomava por divertimento zombar das mulheres, tinha feito tenção de lhe mandar moer bem o corpo com um bastão.

Ouvindo el-rei o peditorio da rainha, se voltou a Bertoldo e lhe disse: — A rainha manda-me pedir por este pagem que te faça ir á sua presença, porque tem gosto de te vêr.

B.—Os recados sempre se levam, tanto por bem, como por mal.

R.—A consciencia sempre remorde os villões ruins.

B.—O riso da côrte não se dá bem com o do campo.

R.—O innocente passa livre por entre as bombardas.

B.—A mulher irritada, a lavareda ateada, e a frigideira furada, dão grande damno a uma casa.

R.—Muitas vezes acontece a quem é culpado, aquillo que elle teme.

B.—O camarão salta muitas vezes para fóra da frigideira, para fugir, e depois acha-se nas brazas.

R.—Quem semeia maldades, recebe males.

B.—Debaixo da coifa está muitas vezes a tinha encoberta.

R.—Quem embaraça as linhas, que as desembarace.

B.—Mal se podem desembaraçar, quando as pontas estão atadas.

R.—Quem semeia espinhos, não ande sem sapatos.

B.—Outra coisa é ir um metter-se onde a vontade repugna.

R.—Vae, não tenhas medo, que ninguem te faz mal.

B.—Ao bom canfortador não dóe a cabeça.

R.—Temes porventura que a rainha te faça algum desprazer?

B.—Mulher raivosa, tempestade furiosa.

R.—A rainha é toda boa, e não deseja mais que vêr-te, e assim fia-te em mim.

Bertoldo é conduzido diante da rainha.

D'esta sorte levaram Bertoldo diante da rainha, a qual tendo sabido, como se disse, que elle era o que tinha feito aquella peça ás mulheres no dia antecedente, tinha feito preparar alguns bastões ás suas camaristas, que quando o colhessem n'aquella camara, o fechassem dentro, e lhe sacudissem bem o pó da casaca. Logo que ella o viu, olhando para aquella monstruosa presença, toda enfadada, lhe disse: Olhae, que focinho de porco.

B.—O gato começa-me a miar ao redor da tigela.

Rain.—Como te nomeias tu?

B.—Eu não nomeio a ninguem.
R.—Como te chamas?
B.—Quem me chama, eu lhe respondo.
R.—Como é o teu appellido?
B.—Eu não me lembro que tenha sido nunca pellado.

Emquanto a rainha interrogava a Bertoldo, uma das suas servas trouxe escondidamente um vaso cheio d'agua, para lh'a deitar pelas costas; mas o villão astuto, tendo-o presentido, estava com o olho bem attento, e logo lhe occorreu ao pensamento uma nova astucia, continuando a fallar com a rainha.

Astucia de Bertoldo para que o não molhassem por detraz.

Rain.—Como sabes tu tantas astucias, que pareces um feiticeiro?

B.—Todas as vezes que me agôam o trazeiro, sei adivinhar todas as coisas; e sei se uma mulher anda de amores com algum, se teve contratos com algum homem, se é honesta, ou impudica; e finalmente, adivinho tudo; com que, se houvesse quem me quizesse molhar por detraz, eu saberia dizer agora tudo.

Bertoldo livra-se da peça da agua.

N'este tempo aquella criada que tinha trazido o vazo com agua para o molhar, ouvindo taes palavras, o levou outra vez de vagar, temendo que se lhe não descobrisse alguma mácula; e nenhuma das outras se atreveu a fazer-lhe alguma peça, porque todas tinham, como se costuma dizer, algum trapo ensaccado; —mas a rainha, que se abrazava em raiva contra elle, mandou que cada uma das criadas tomasse seu bordão, e lhe dessem quantas pancadas podessem; e com esta faculdade se foram todas a elle com maior impeto do que aquelle com que as furiosas Bacchantes accommetteram o miseravel Orpheu; mas vendo-se o pobre Bertoldo em tão grande perigo, lhe occorreu outra astucia, e voltando para ellas, lhes disse:

Nova astucia de Bertoldo para se livrar das pancadas.

B.—Aquella que tem premeditado deitar veneno nos comeres d'el-rei, seja a primeira a pegar no pau para me dar com elle, que eu me satisfaço.

Então todas se pozeram a olhar umas para as outras, dizendo: Eu nunca tive similhante tentação. Nem eu, respondia a outra. E assim, uma depois da outra, disseram todas o mesmo, até a rainha; de tal sorte, que tornaram a pôr os paus no seu logar, e o bom Bertoldo ficou por então livre d'aquellas terriveis pancadas.

A rainha quer que Bertoldo seja bastonado em todos os lados.

A rainha, em quem cada vez mais se augmentava a ira contra Bertoldo, querendo que por todos os modos levasse boa carga de pau, mandou dizer aos seus archeiros, quando elle sahisse, o moessem como devia ser sem alguma remissão, e logo o mandou embora acompanhado de quatro dos seus criados, para que lhe trouxessem depois a nova do que tinha succedido.

Subtil astucia de Bertoldo para não ser maltratado de pancadas pelos archeiros.

Quando Bertoldo viu que por nenhum modo podia fugir, recorreu ao seu costumado entendimento, e voltando-se para a rainha, lhe disse: Já que vejo claramente que me não queres perdoar as pancadas, peço-te em cortezia que me faças uma graça: a minha petição é justa, e tu pódes fazel-a, pois com tanto que eu leve as pancadas, o mais não te importa: dize a estes teus servos, que me véem acompanhar, que digam aos archeiros que tenham respeito á cabeça, e que no mais dêem quanto quizerem.

A rainha, não entendendo a metaphora, ordenou aos criados que dissessem aos archeiros que tivessem respeito á cabeça, e que no resto déssem quanto podessem; e assim foram os criados para onde estavam os guardas, levando o Bertoldo adiante; e como elles já estavam preparados com os bastões nas mãos, para lhe fazerem aquella obra pia, Bertoldo se pôz a caminhar adiante dos outros com passo largo, de sorte que se separou d'elles um bom pedaço, e quando aquelles que o acompanhavam, viram os guardas promptos para o trabalho, e que elle ia che-

gando aonde elles estavam, se pozeram assim de longe a gritar, que tivessem respeito á cabeça, e que no resto fizessem a sua obrigação, como devia ser, por assim o ter ordenado a rainha.

Os criados levam as pancadas em logar de Bertoldo.

Os guardas, vendo Bertoldo diante dos olhos, cuidando que elle fosse cabeça d'aquelle rancho, o deixarem passar sem lhe fazerem alguma affronta; e logo que foram chegados os criados, se pozeram a malhar n'elles com aquelles paus, de maneira que lhes quebram os braços e as cabeças; e apenas se acharia membro, em que as pancadas dos paus não tivessem deixado signal do seu effeito.

Quando os miseraveis se viram em tão deploravel estado, foram como poderam, assim derreados e amassados, diante da rainha, a qual ouvindo que Bertoldo tinha escapado com aquella astucia, e que os seus criados foram maltratados d'aquella sorte, em logar d'elle, se lhe augmentou incrivel raiva e desdem contra Bertoldo, e jurou que se havia de vingar; mas por então occultou a ira, esperando outra occasião para a desabafar, e no emtanto mandou curar os servos, que tinham sido, como se costuma dizer, bem convidados por festa.

Bertoldo torna á presença de el-rei e faz uma bella peça a um cortezão.

Chegando outro dia, logo se foi enchendo a sala do paço de cavalheiros e barões, segundo o costume. Bertoldo não faltou em apparecer tambem, o qual foi chamado por el-rei, e logo que o viu, lhe disse:

R.—Ora pois, como passou o negocio com a rainha?

B.—Da borda ao sapato, pouca vantagem houve.

R.—O mar estava mui bravo?

B.—Quem sabe bem navegar, passa com segurança qualquer golfo perigoso.

R.—O céo ameaça grande tempestade?

B.—A tempestade descarregou nas costas d'outrem.

R.—Cuidas então que está sereno?

B.—Eu deixei o céo muito nublado.

Insolencia d'um cortezão.

N'este tempo, um cortezão que estava ao pé d'el-rei, e tambem servia de bôbo, o qual se chamava Fardete, por ser pequeno e gordo, com a cabeça calva, disse a el-rei: Faça-me, senhor, a graça de permittir-me que eu converse um pouco com este villão; e veremos se o faço desconfiar. Respondeu-lhe el-rei: Faze o que te parecer; mas olha não te succeda, como succedeu a Callado, o qual foi para rapar, e veio rapado. Não, não, replicou Fardete; eu não tenho medo d'elle; e voltando-se para Bertoldo, com um modo extravagante, lhe disse:

Fardete—Que dizes tu, codorniz, que cahiste do ninho?

B.—Com quem fallas tu, pinto depennado?

F.—Quantas leguas são da Lua aos banhos de Lucca?

B.—Quantas fazes tu do caldeirão da sôpa á estrebaria?

F.—Por que motivo a gallinha preta põe ovo branco?

B.—Por que causa o açoite d'el-rei te faz negras as faces do rabo?

F.—De quaes ha maior numero, de turcos, ou de judeus?

B.—Quaes são mais, os que tu tens na camisa, ou os da barba?

F.—O villão e o burro nasceram ambos d'um parto.

B.—O lambaz e o porco, comem ambos na mesma tigela.

F.—Que tempo ha que não tens comido nabos?

B.—Que tempo ha que não te deram cobertor?

F.—És tu um novilho ou uma ovelha?

B.—Não mettas na dança os teus parentes.

F.—Quando acabarás de deixar as tuas astucias?

B.—Quando tu deixares de lamber os pratos da cozinha.

F.—Ao villão não se metta pau na mão.

B.—Ao porco e á rã não se tire o lodo.

F.—O corvo nunca trouxe boa nova.

B.—O francelho e o milhafre, sempre vão atraz dos burros pôderes.

F.—Eu sou um homem de bem, e bem nascido.

DAMAGED PAGE(S)

B.—Quem se gaba, suja-se e nunca se lava.

F.—O villão é mau animal.

B.—E o adolador é feio monstro.

F.—Nunca se viu vilão sem malicia.

B.—Nunca se viu gallo sem crista, nem cortezão sem adulação.

F.—Os teus sapatos arreganham os dentes.

B.—É que se estão rindo de ti, porque és uma besta.

F.—As tuas meias estão todas remendadas.

B.—Melhor é ter remendos nas meias, do que na cara, como tu os tens.

Tinha Fardete muitos signaes na cara, de taponas que lhe deram por seu merecimento, e por isso, quando sentiu tocarem-lhe no vivo, não sabendo que responder, se fez encarnado com o fogo da vergonha, em tal modo, que toda a côrte se pôz a rir d'este successo, e elle se foi calando, e de boa vontade se tivera ido, se aquelles cavalheiros lh'o não impedissem; mas Bertoldo que por ter fallado muito, tinha a bôca cheia de cuspo, e não sabendo aonde havia de cuspir, porque estava a sala cheia de tapeçarias de sêda e oiro, disse a el-rei: aonde queres que eu cuspa? Respondeu el-rei: Cospe na praça. Então Bertoldo, chegando-se para Fardete, que, como já se disse era calvo, lhe cuspiu no meio da cabeça. Fardete ficou enraivecido feramente, e se queixou a el-rei da injuria, que lhe tinha feito na sua presença; mas Bertoldo, logo repentinamente disse: El-rei me deu licença que cuspisse na praça: qual melhor podia achar que a tua cabeça? Não diz o ditado: Cabeça calva, praça de piôlhos? Eis-aqui pois que não commetti nenhum erro, porque cuspi na praça, como el-rei me mandou.—Toda a côrte deu razão a Bertoldo e Fardete, limpando a cabeça, foi necessario que tivesse paciencia; e bem quizera não se ter intromettido com Bertoldo, para não vêr todos rirem-se d'elle, como lhe succedeu, pois como se jactava e presumia ter grande engenho, e dava cantigas a quem lh'as pedia, todos tiveram grande gosto de o vêr, que não ousava levantar os olhos por vergonha, e que de exasperado quasi se queria enforcar.

Como era noite, el-rei se despediu dos senhores e barões, e disse a Bertoldo que tornasse á sua presença no dia seguinte, mas que não fosse nú, nem vestido.

Astucia graciosa de Bertoldo em ir á presença d'el-rei do modo que lhe tinha dito.

Chegando a manhã, Bertoldo appareceu diante d'el-rei, embrulhado em uma rêde de pescar; e vendo-o el-rei d'aquelle modo lhe disse:

R.—Por que vens aqui d'essa fórma?

B.—Não disseste tu que tornasse a vir esta manhã á tua presença, e que não havia de estar nem nú, nem vestido?

R.—Sim, disse.

B.—Pois eis aqui me vês embuçado n'esta rêde, com a qual cubro parte dos membros, e parte ficam descobertos.

R.—Onde estiveste até agora?

B.—Onde eu estive já não estou, e onde estou agora, ninguem póde estar senão eu.

R.—Que faz teu pae, tua mãe, teu irmão, e tua irmã?

B.—Meu pae d'uma estrada faz duas; minha mãe faz á sua visinha o que nunca mais lhe fará; meu irmão quantas acha todas mata; minha irmã chora d'aquillo que todo este anno andou rindo.

R.—Explica-me essa mistura de grelos.

B.—Meu pae, no campo, desejando fechar uma estrada, lhe está pondo espinhos, de sorte, que os que costumavam passar por ella, agora é-lhe necessario que passem uns de cá e outros de lá do logar onde estão os espinhos; e assim, d'uma só estrada que havia, faz duas. Minha mãe está fechando os olhos a uma sua visinha que morreu, o que nunca mais lhe tornará a fazer. Meu irmão está ao sol catando as pulgas da camisa, e mata quantas acha. Minha irmã todo este anno tem andado entretida com os seus amores, e agora chora na cama com as dôres do parto.

R.—Qual é o dia mais comprido que ha?

B.—Aquelle em que se está sem comer.

R.—Qual é a maior loucura do homem.

B.—O reputar-se por sabio.

R.—Por que motivo os cabellos da cabeça se fazem brancos primeiro que os da barba?

B.—Porque os cabellos da cabeça nascem primeiro que os da barba.

R.—Qual é aquelle filho que arranca a barba a sua mãe?

B.—O fuso.

R.—Qual é aquella herva, que até os cegos a conhecem?

B.—A ortiga.

R.—Qual é aquella femea, que sempre dança na agua, e nunca lava os pés?

B.—A barca.

R.—Qual é aquelle que se mette na prisão por sua vontade?

B.—O bicho da sêda.

R.—Qual é a mais desgraçada flôr que ha?

B.—Aquella que sahe da pipa, quando se acaba o vinho.

R.—Qual é a coisa mais desavergonhada que ha?

B.—O vento, que se mette até debaixo das saias das mulheres.

R.—Qual é aquella coisa, que ninguem a quer em casa?

B.—A culpa.

R.—Qual é aquelle torto, que corta as pernas aos direitos?

B.—A fouce de segar o trigo.

R.—Qual é a femea mais cheia que ha?

B.—A masseira em que se faz o pão.

R.—Quantos annos tens tu?

B.—Quem conta os annos, faz conta com a morte.

R.—Qual é a coisa mais alva que ha?

B.—O dia.

R.—Ainda mais que o leite?

B.—Mais que o leite, e tambem mais que a neve.

R.—Se não me fazes vêr isso, te mandarei carregar bem de pancadas.

B.—Oh infelicidade e miseria das côrtes!

Astucia particular do engenho de Bertoldo para não levar arrochadas.

Foi-se portanto Bertoldo, e tomando uma bacia de leite, escondidamente a pôz na camara d'el-rei, e fechou todas as janellas. Era meio dia quando el-rei entrou na camara, e como estava escura, tropeçou na bacia do leite, que ficou todo entornado pelo chão, e pouco faltou que não cahisse de bruços; e enfadado ao maior limite, fez abrir uma janella, e vendo aquelle leite deitado pelo chão, e a bacia em que tinha tropeçado, se pôz a gritar dizendo:

R.—Quem me pôz aqui esta bacia de leite na minha camara, e fechou as janellas para me fazer tropeçar?

B.—Fui eu, para provar-te que o dia é mais alvo e mais claro que o leite; porque se este fosse mais alvo que o dia, te daria luz quando entraste na camara, e não tropeçarias na bacia.

R.—Tu fizeste como um villão, e a cada cesto achas sua aza; mas quem é este que aqui vem? Certamente é um pagem mandado pela rainha, e tem uma carta na mão. Tirate de parte, para que eu saiba o que me quer dizer.

B.—Eu me retirarei, e o Céo queira que não seja para mim alguma triste nova.

Humor phantastico que se metteu na cabeça ás mulheres da cidade.

Veio o portador da carta, e depois de fazer a devida reverencia a el-rei, lhe entregou a mesma carta, cujo conteúdo consistia em que as matronas mais nobres d'aquella cidade desejavam, e pediam livremente a sua magestade, que podessem ellas tambem ser admittidas com seus votos nos conselhos, e regimen da cidade, assim como praticavam os seus maridos; consultar, ouvir queixas, sentencear, e em conclusão, fazer o mesmo que faziam os do senado, e magnates da cidade; allegando que havia muitos exemplos de que outras do seu sexo tinham governado imperios e reinos com tanta prudencia, e talvez mais do que tiveram muitos reis e imperadores passados; que tinham sahido ao campo armadas, defendendo os seus estados valorosamente, e que por isso sua magestade não devia rejeital-as, mas aceitar a sua proposição, fazendo-as participantes de quanto pedia, pois lhes parecia estranhavel, que os homens tivessem o dominio de todas as coisas, e ellas fossem tidas em nenhuma consideração; e no fim diziam, que saberiam conservar o segredo nas coisas de importancia, tanto quanto os homens, e talvez mais; e a rainha é a que fazia as mais fortes instancias para o bom despacho d'este negocio, que muito lhe recommendava. Tendo lido el-rei a carta, e percebido a louca petição d'estas mulheres, não sabia que resolução devia tomar; e chamando Bertoldo, lhe communicou tudo o que se passava, de que elle pondo-se a rir com grande vontade, el-rei se enfadou d'alguma sorte, e lhe disse:

R.—De que te ris, selvagem?

B.—Eu rio por certo, e quem não risse agora, merecia lhe quebrassem os dentes.

R.—Por quê?

B.—Porque estas mulheres te conheceram

por um tolinho, e não por Alboino, e por isso te fazem este louco peditorio.

R. – Está n'ellas o pedir, e em mim o conceder.

B.—Coitado d'aquelle cão, que deixa lhe peguem no rabo com a mão.

R.—Falla de sorte que eu te entenda.

B.—Pobres d'aquellas casas, em que as gallinhas cantam, e o gallo se cala.

R.—Tu és como o sol de março, que commove e não resolve.

B.—A quem bem entende, poucas palavras bastam.

R.—Acaba de tirar fóra do sacco o que me queres dizer.

B.—Quem quizer ter a casa limpa, não consinta frangas nem pombas.

R.—Falla a proposito, tarracha de carro, vamos á conclusão.

B.—Quem entende, quem não entende, e quem não quer entender.

R.—Quem se mette com carqueja, a sôpa sabe a fumo.

B.—Que queres tu finalmente de mim?

R.—Eu quero que me dês n'esta occasião o teu conselho.

B.—A formiga péde agora pão á cigarra?

R.—Sei que tu és homem de juizo, que sabes muitas invenções; e assim quero deixar ao teu arbitrio a deliberação d'este negocio.

B.—Se me dás esta faculdade, está certo que bem depressa te livrarei da matraca. Deixa-me cuidar a mim no remedio, que se estas mulheres te tornarem a fallar mais na historia, quero ser um cão.

R.—Ora bem, procura despedil-as o mais depressa que poderes.

Astucia industriosa de Bertoldo para tirar o capricho da cabeça ás mulheres.

Foi logo Bertoldo á praça, e comprou um passarinho, o qual fechou n'uma boceta, e o levou a el-rei, dizendo-lhe que mandasse aquella boceta assim fechada á rainha, para que ella a fizesse entregar áquellas mulheres, commettendo-lhes expressamente de a não abrir; e que na manhã seguinte fossem á sua presença, levando a boceta da mesma sorte que se lhes entregava, porque lhes seria concedida a graça que pediam.

Tomou o pagem a boceta, e a levou á rainha, a qual a entregou ás ditas matronas, que estavam na sua camara esperando a resposta, commettendo-lhes expressamente, por parte d'el-rei, que de nenhum modo abrissem a dita boceta, e que tornassem com ella no dia seguinte, pois teriam o despacho que desejavam d'el-rei á supplica; e assim se foram mui consoladas.

Curiosidade das mulheres.

Depois de se terem ido as mulheres do paço, logo as tentou um excessivo desejo de vêr o que estava dentro da bocetinha, dizendo umas: Vejamos nós o que se nos encerra aqui dentro. Outras diziam: Não façamos tal, porque temos ordem expressa de a não abrir; e póde ser que dentro esteja alguma coisa de importancia para el-rei. Que póde ser finalmente? (diziam as mais curiosas). E quando nós a abramos, não podemos porventura tornal-a a fechar como está? Sim, sim; abra-se, esteja dentro o que estiver.

Resolução das mulheres para abrirem a bocetinha.

Por fim, depois de muitas razões e debates, que houveram entre ellas, resolveram abril-a, e apenas tinham tirado a tampa, o passarinho, conhecendo a sua liberdade, se valeu das azas, e voando ao ar logo desappareceu, deixando n'aquellas mulheres a confusão e o pezar da sua curiosidade, accrescentando-se o desgosto em não terem podido observar que casta de passaro fosse, pela velocidade com que fugiu; pois se o tivessem conhecido, sem duvida fariam todas as diligencias para achar outro similhante, e assim levarem a boceta da mesma fórma que a tinham recebido, com o que não podia haver mal.

Pezar das mulheres por lhe ter fugido o passarinho que estava na bocetinha.

Mas o demonio da sua curiosidade quiz que succedesse o contrario; pelo que ficaram todas tristes e melancolicas, reprehendendo aquelle seu vicio natural.—Coitadas de nós, diziam, como teremos cara para apparecer diante d'el-rei, se d'esta fórma observamos o que nos ordenou, não podendo ter uma só noite fechado o passarinho? Pobres, miseraveis de nós! Qual será o nosso animo amanhã? Póde haver maior desconsolação, que

esta?—Assim passaram toda aquella noite na maior angustia e tristeza, não sabendo resolver se haviam de ir no dia seguinte á presença d'el-rei, ou deixarem-se estar em casa.

Resolução das mulheres animosas

Passada a noite, sendo já dia claro, levantaram-se as ditas mulheres, e se ajuntaram todas, que, como exasperadas, não sabiam que partido haviam de tomar, para determinarem se haviam de ir á presença d'el-rei, mediante o erro que tinham feito, e tambem estavam em duvida se haviam primeiro communicar o successo á rainha: umas eram de parecer que sim, e outras que não; qual allegava razões differentes, que alludia persuasivas; e finalmente, depois de grandes e contenciosos debates, sahiu uma d'entre ellas, que tinha algum juizo mais que as outras, a qual fallou d'esta maneira: Para que estamos perdendo o tempo em fazer tantas paroladas? O crime já está feito, não se póde encobrir nem emendar, senão com pedir perdão a el-rei, confessando-lhe tudo, tal qual como succedeu; pois sendo elle de natural benigno, principalmente com as mulheres, facilmente nos perdoará, e eu serei a primeira a fallar-lhe. Eia pois; cobremos animo, segui-me todas, que isto não é nenhum homicidio: é um passarinho, que em conclusão se compra com dez reis, e por elle ter voado não devemos perder tanto a coragem. Vinde commigo e não tenhaes receio algum. Outras diziam que se enfadaria mais do acto de desobediencia, do que se lhe tivessem feito fugir quantos passaros estavam nas suas tapadas e jardins.

Finalmente, volta para cá, e volta para lá, determinaram ir á presença da rainha, e narrar-lhe todo o facto, como fizeram.

As mulheres se apresentam á rainha, a qual as leva diante d'el-rei.

Ouvindo a rainha o acontecido, ficou muito perturbada d'animo, e não sabia que dissesse, nem o que havia de fazer, receiando alguma grande desordem; comtudo, fez todo o esforço para disfarçar a oppressão que sentia, e levando á presença d'el-rei toda aquella comitiva de mulheres, que seriam perto de trezentas, as quaes iam todas com os olhos fitos no chão, cheias de vergonha. Chegada que foi a rainha á sala da audiencia, saudou el-rei, e elle fez o mesmo com o rosto alegre, fazendo-a assentar junto a si; e depois lhe perguntou, que boa nova a levava á sua presença, acompanhada de tamanha comitiva de mulheres?

A rainha conta a el-rei a fugida do passarinho.

Disse a rainha: Saiba vossa real magestade, que venho aqui diante da real corôa, com estas nobilissimas matronas, saber a resposta da supplica que fizeram, para entrarem tambem ellas nos conselhos, negocios e exercicios, que se dão aos do grande senado; e tendo-lhes vossa magestade mandado aquella bocetinha com ordem expressa de a não abrirem por nenhum modo, e que a houvessem de trazer hoje, tal qual como lhes foi entregue: uma mais curiosa que as outras, desejando vêr o que se encerrava dentro, sem attender a outra coisa, abriu-a, e o passarinho fugiu logo, de cujo successo ficaram todas tão tristes e desconsoladas, que não ousam levantar a cabeça, nem olhar para vossa magestade, pela grande vergonha que teem de haver desobedecido ao preceito real. Porém, vossa magestade, que sempre foi benigno para com todos, ha de perdoar-lhes este erro que fizeram, não por violar a sua ordem, mas por um mero desejo e curiosidade, de que arrependidas e pezarosas, pedem perdão a vossa magestade.

El-rei mostra-se muito enfadado. Reprehende as mulheres e perdôa, e depois manda-as para suas casas.

Quando el-rei, que outra coisa não desejava, ouviu o referido, se fingiu irritado ao maior excesso; e voltando-se para as mulheres, lhes disse: Com que vós deixastes fugir o passaro da bocetinha, mulheres tolas e sem juizo? E como então tendes ousadia para pedir que se vos communiquem os negocios dos conselhos secretos da minha côrte? Dizei-me como podereis ter em segredo uma coisa, na qual estivesse o interesse do meu estado, e a vida dos homens, se uma só hora não podesteis ter fechada uma bocetinha, que com tantas instancias vos recommendei? Ora ide cuidar nos vossos exercicios, nas vossas familias, e no governo das vossas casas,

deixae aos homens o governo das cidades. Sem duvida que todas as coisas levariam bom caminho, se passassem pelas vossas mãos; porque qualquer segredo, por mais importante que fôsse, em menos de meia hora se saberia por toda a cidade. Ora ide-vos, que eu vos perdôo; cuidae no que vos pertence e não entreis outra vez em similhante frenesi. Despediu depois a rainha, fazendo-a acompanhar por muitos cavalheiros até ao seu quarto. D'esta fórma se foram aquellas desconsoladas mulheres, cada uma mal contente de si mesma, e nunca mais tornaram a fallar em que as admittissem conselheiras e consultoras; pois que el-rei as tinha consultado por uma vez, mediante a astucia do subtil Bertoldo, a quem depois disse el-rei, sorrindo-se:

R.—Melhor invenção que esta não podias achar meu Bertoldo, e sahiu ás mil maravilhas.

B.—Bem vae a cabra côxa, quando não topa o lobo.

R.—Por que dizes tu isso?

B.—Porque mulher, agua e fogo, em toda a parte acham logar sem grande rogo.

R.—Quem se assenta na ortiga, muitas vezes lhe pica como a formiga.

B.—Quem cospe contra o vento, o cuspo lhe cahe na cara.

R.—Quem mija sobre a neve, por força se ha de vêr a urina.

B.—Quem lava a cabeça ao burro, perde o trabalho e o sabão.

R.—Porventura dizes tu isto a meu respeito?

B.—Sem duvida que só a teu respeito, e não de outrem, que fallo.

R.—E que motivo tens tu de queixa contra mim?

B.—E que motivo tenho de dizer bem?

R.—Mas dize-me: que offensas tens recebido de mim?

B.—Eu cooperei para negocio de tanta importancia; e tu, em logar d'assegurar-me a vida, me estás logrando.

R.—Eu não sou tão ingrato, que não conheça os teus merecimentos.

B.—O conhecel-os é pouco, o tudo é remuneral-os.

R.—Cala-te, que eu quero remunerar-te de fórma, que fique a pés iguaes.

B.—Tambem aquelles que são enforcados, ficam a pés iguaes.

R.—Tu interpretas todas as coisas ás avéssas.

B.—Quem diz mal, quasi sempre adivinha?

R.—Tu não só dizes mal, mas fazes tambem mal.

B.—Que mal eu tenho feito na tua côrte?

R.—Tu não usas nenhuma sorte de cortezia, nem de boa creação.

B.—Que te importa a ti, se eu sou malcreado, ou mal acostumado?

R.—Muito me importa, porque para commigo te has sempre havido como um villão ruim.

B.—Qual é o motivo?

R.—Porque quando tu vens á minha presença, nunca tiras o chapéo, nem abaixas a cabeça.

B.—Um homem não deve abaixar a cabeça a outro homem.

R.—Deve-se usar da cortezia, e a reverencia, segundo a qualidade dos homens.

B.—Todos somos de terra; tu és de terra, eu sou de terra, todos nos havemos tornar em terra; e assim a terra não deve reverenciar a outra terra.

R.—Tu dizes bem, que todos somos de terra; porém entre a mesma terra ha muitas differenças: suppõe tu que a differença que ha entre nós ambos, é a mesma que ha entre dois vasos, dos quaes, sendo um de maior estimação, serve para ter licores preciosos e cheirosos, e o outro, que é mais ordinario, serve para exercicios vis e despreziveis;— e d'esta fórma sendo eu como um d'aquelles que tem balsamos e licores dos mais preciosos e odoriferos, e tu um d'aquelles em que se fazem outras coisas muito peiores, são comtudo fabricados pela mesma mão, e da mesma terra.

B.—Eu não te digo isso, mas sim te digo, tão quebradiço é um como o outro; e quando ambos estão quebrados, deitam-se os pedaços pelas ruas, não se fazendo distincção nenhuma d'uns nem d'outros.

R.—Ora, seja como fôr, eu quero que me abaixes a cabeça.

B.—E eu não o posso fazer, tem paciencia.

R.—Por que o não pódes fazer?

B.—Porque eu tenho pernas de salsa, e por isso não queria quebral-as, quando fosse a abaixar-me.

R.—Ah! villão ruim; eu quero que, con-

tra tua vontade, me faças reverencia quando vieres á minha presença.

B.—Olha, tudo póde ser, mas a mim custa-me muito a crêl-o.

R.—Isso se verá ámanhã; vae-te esta noite para casa, e veremos quem vence.

El-rei faz abaixar a porta da sua camara, por onde Bertoldo devia entrar, para que por força se inclinasse a fazer-lhe venia quando fosse a passar.

Logo que Bertoldo se foi, fez el-rei abaixar a porta da sua camara, em certo modo, que quem passasse por ella havia forçosamente abaixar a cabeça, e para que d'esta fórma, quando Bertoldo quizesse entrar por ella no dia seguinte, fizesse a venia, a seu pezar. N'esta certeza estava esperando com impaciencia o dia, para vêr o effeito d'esta coisa.

Astucia de Bertoldo para não fazer venias a el-rei.

Na manhã seguinte o astuto Bertoldo não deixou d'ir ao paço, como costumava; e vendo a porta da camara d'el-rei abaixada d'aquella sorte, logo suppôz com malicia que elle a tivesse mandado assim fazer, para que ao entrar por ella lhe fizesse venia, abaixando a cabeça; mas Bertoldo, em logar de passar pela porta direitamente, e fazer reverencia a el-rei, lhe voltou as costas, entrando assim para o honrar e reverenciar com as faces do az de copas. Então sim, que el-rei conheceu ser este homem o principe da astucia; estimou muito no interno esta graça: porém, comtudo isto, fazendo demonstração de a levar a mal, lhe disse:

R.—Quem te ensinou, villão ruim, a entrar d'esta fórma nas camaras reaes?

B.—O caranguejo.

R.—Como te ensinou o caranguejo? Certamente escolhestes esse bordão para te encostares?

Fabula do caranguejo e da lagosta contada por Bertoldo.

B.—É necessario saberes que meu pae teve dez filhos; era pobre, como o sou tambem eu; e por que muitas vezes não havia pão para cear, em logar de nos dar de comer e mandar-nos satisfeitos para a cama, costumava contar-nos algumas fabulas; e no entanto nós iamos adormecendo, passando muitas vezes assim até pela manhã. Entre outras que lhe ouvi contar, ficou-me uma na memoria, a qual se quizerdes ter paciencia d'ouvir, não deixarás de ter gosto n'ella, e é muito adequada ao nosso proposito.

R.—Dize, dize, que terei summo gosto deouvir.

B.—Dizia meu pae, que quando os animaes fallavam, e que as cotovias faziam capinhas, o caranguejo e a lagosta, que eram muito amigos, se dispozeram a ir pelo mundo, para vêr como se vivia nas outras terras; o caranguejo andava então para diante como os outros animaes, e a lagosta não ia d'ilharga, como agora faz. Ora, estes sahiram da casa de seus paes, e depois de andarem muito tempo correndo mundo, chegaram ao reino das caballas, passaram d'ahi aos dos lagartos, que confina com o d'el-rei dos macacos;—e assim rodeando grande parte d'este orbe, viram muitas e differentes ceremonias, costumes e ritos entre aquelles pequenos animaes. Finalmente, se acharam no reino dos sapos, mas já era noite; e como entre estes e as doninhas haviam grandes guerras, por serem confinantes, e uma nova suspeita de traição tinha posto em armas uma e outra potencia, logo que foram chegados os nossos dois companheiros áquelle logar, conheceram os guardas que eram estrangeiros e os tomaram por dois espiões, prendendo-os logo de pés e mãos, e os levaram diante do seu capitão, o qual fazendo-os examinar com grande exacção, não achou n'elles outra curiosidade mais, que o desejo de verem o mundo, e que por isso tinham alli chegado; que sendo estrangeiros, não podiam ser informados do que se passava; e assim desejavam lhes fosse concedida a liberdade para voltarem ás suas patrias, ou tambem se lhes quizessem assentar praça de soldados, dando-lhes o soldo, como aos mais, os serviriam n'aquella guerra com toda a fidelidade. Ouvindo isto o capitão, logo os fez desatar, e parecendo-lhe que eram animaes capazes de qualquer facção por terem tantos braços e tantas pernas, os aceitou, assentando-lhes praça. D'ahi a não muitos dias, succedeu que o caranguejo foi mandado ao campo inimigo, para observar com toda a cautella o que se fazia n'elle. Como

esta casta de animal não era conhecida n'aquellas terras, e elle caminhava com grande silencio, cobrindo-se muitas vezes debaixo da sua concha, estavam certos que não seriam descobertos com tanta facilidade; e assim elle foi animosamente ao campo dos inimigos, aonde achando que as guardas avançadas dormiam, passou mais adiante, até que chegou ao pavilhão do rei das dóninhas, cuidando que n'elle tambem estivessem dormindo; mas o pobre teve tambem pouca fortuna, porque lá estavam acordados, jogando o pião e a bilharda; e assim que deitou a cabeça de dentro, foi logo visto por um d'aquelles soldados, o qual, passo a passo, se levantou de jogar, em fórma que o desgraçado caranguejo não o advertiu, e tomando um pau, lhe atirou com elle, e acertando-lhe direitamente na cabeça, atordoou-o de tal maneira, que quasi parecia morto; e se não tivesse o abrigo das suas costumadas armas, para debaixo d'ellas se recolher, lhe saltariam os miolos fóra. Aquelle que o feriu, não sabendo que fosse espião, e só cuidando qua alli tivesse chegado por acaso, pois não tinha cara de espião, julgando que estivesse morto, o tomou pelos cornos, e o deitou n'um fosso, e sem suspeitar outra coisa, tornou ao seu jogo. Ora no entanto, tendo tornado em si o miseravel caranguejo, e não podendo levantar a cabeça por causa da grande pancada que tinha recebido, jurou que nunca mais queria entrar com a cabeça para diante em nenhuma parte, mas sim caminhar para traz, afim de que, se alguma vez lhe tornassem a fazer d'aquellas esmolas, as aceitasse mais depressa com o espinhaço, do que com a cabeça. N'este estado, voltando ao campo, deu relação de quanto tinha acontecido, e de estarem os primeiros guardas dormindo, mas que no pavilhão real estavam levantados: o que ouvido pelo capitão, deu as necessarias ordens promptamente, para que sem demora, e com o maior silencio, se armassem os esquadrões, com os quaes deu de repente sobre os inimigos, e vencendo com pequena resistencia as primeiras linhas, chegou ao pavilhão real, onde matou quantos n'elle se achavam, fazendo a vingança da pancada que deram ao caranguejo, o qual, para que lhe não succedesse outra similhante historia, disse á lagosta: Vamos com Deus, porque a guerra não é boa para nós.—E como fugiremos (disse a lagosta) em fórma que não sejamos vistos, ou descobertas as nossas pégadas? Tu caminharás de ilharga (respondeu o caranguejo), e eu para traz, e assim nos veremos livres. Agradou a proposição á lagosta, e levantando-se logo nas pontas dos pés, com toda a gentileza se pôz em caminho aos saltos, e ia tão depressa, que o caranguejo só com muito trabalho podia alcançal-a. D'esta sorte sahiram do campo, onde nunca se pôde saber para onde tivessem ido; pois a extravagancia do seu andar lhes não deixava signal algum de o conhecerem: com que chegaram ás suas casas, e por causa dos perigos em que se tinham visto, deixaram no seu testamento, que todos os seus successores houvessem de caminhar sempre na conformidade que elles fizeram ao voltar para suas casas; até o dia de hoje se vê, que o caranguejo anda para traz, e a lagosta de ilharga; e porque o caranguejo teve aquelle carolo na cabeça, quando a metteu dentro do pavilhão, eu sempre me lembrei d'elle, e por isso eu entrei de costas, quando passei por aquella porta para vir á tua presença, porque melhor é levar no trazeiro, do que na cabeça. Que me dizes agora? Não é bonita esta fabula?

R.—Sem duvida que é, e foste um grande homem. Ora vae para casa, e ámanhã torna a vir, mas de sorte que eu te veja e não te veja; e traz-me a horta, a estrebaria e o moinho.

B.—Ora advinhae lá esta mastigada! Emfim eu irei, e procurarei fazer o que souber.

Astucia de Bertoldo para apparecer diante d'el-rei na fórma que lhe ordenou.

No seguinte dia mandou Bertoldo fazer por sua mãe uma torta d'acelgas bem untada com manteiga, queijo e bastante requeijão; tomou depois um crivo, que pôz por diante do rosto, e com a torta na mão foi á presença d'el-rei, o qual vendo-o apparecer d'aquella fórma, não pôde suster o riso, e lhe disse:

R.—Que significa este crivo que tens diante do rosto?

B.—Não me ordenaste que viesse á tua presença, em estado que me visses e não me visses?

R.—É verdade; assim te ordenei.

B.—Eis-aqui, logo que, estando por detraz dos buracos d'este crivo, pódes vêr-me, e não pódes vêr-me.

R.—Ora és um homem de grande enge-

nho; mas onde está a horta, a estrebaria, e o moinho que te disse que trouxesses?

B.—Aqui está esta torta, na qual estão infundidas todas as tres coisas, a saber: na acelga está a significação da horta; no queijo, manteiga e requeijão, se denota a estrebaria: emfim, a farinha o moinho.

R.—Eu nunca vi nem pratiquei mais agudo entendimento do que o teu. Ora pois, serve-te da minha côrte em tudo o que te for necessario.

Graças de Bertoldo.

Ouvindo Bertoldo este offerecimento, que el-rei lhe fez, afastando-se alguma coisa d'elle para a parte d'onde os cavalheiros lhe faziam côrte, desabotoou os calções, mostrando querer fazer uma desistencia corporal; o que visto por el-rei, se pôz a gritar, dizendo:

R.—Que queres fazer, animal?

B.—Não me dizes tu que me posso servir da tua côrte em tudo o que me fôr necessario?

R.—Disse, não ha duvida, mas que acção é essa!

B.—Eu logo quero servir-me d'ella, para descarregar um certo peso que tenho na barriga, o qual me dá tanto detrimento, que já o não posso ter.

N'este tempo um d'aquelles guardas d'el-rei, levantando um bastão, queria dar-lhe com elle dizendo: Bruto, porco, vae á estrebaria, onde vão as bestas como tu, e não sejas tão atrevido de fazer similhante porcaria na presença real, se não queres que te apalpe as costellas com este pau. Então Bertoldo, voltando-se para elle, lhe disse: De vagar, amigo, de vagar; não te mettas a ser cuidadoso aonde te não chamam; não sabes tu que as moscas, as quaes verás que andam pelas cabeças dos tinhosos, e por outros logares ainda peores, andam tambem sobre as mesas reaes, e fazem muitas vezes seus feitos nos pratos onde comem os principes? Logo, porque não hei de fazer as minhas necessidades no chão, que é a coisa sem a qual não se póde passar, quando el-rei mesmo me disse, que podia servir-me da sua côrte em tudo o que me fosse necessario? E que maior urgencia podia eu ter de servir me d'ella senão para este effeito? El-rei, que entendeu a metaphora de Bertoldo, e gostando muito d'aquella graça, tirou do dedo um annel de grande valor, dizendo: Ora toma, meu Bertoldo este annel, que só tu o mereces; e vós, ó thesoureiro, trazei-me aqui logo mil patacas, que lh'as quero dar.

B.—Eu não quero que me interrompam o meu somno.

R.—Por quê?

B.—Porque se eu tivesse esse annel, e tanto dinheiro, não poderia ter socego, nem repoisar, parafusando pelo sentido continuamente em que o havia de empregar; e assim nunca teria quietação: além de que ouvirias dizer muitas vezes, que quem o alheio toma, vende-se a si mesmo: a natureza me produziu livre, e livre quero conservar-me.

R.—Que posso fazer eu logo para te premiar?

B.—Muito bem paga quem conhece o beneficio.

R.—Não basta conhecel-o sómente; mas é necessario tambem remuneral-o.

B.—O bom animo é pontual pagamento do homem de bem.

R.—Não deve o superior ceder em cortezia ao menor.

B.—Não deve o menor receber coisa que seja superior ao seu merecimento.

A rainha manda novamente pedir Bertoldo a el-rei.

Emquanto estavam n'estas porfias, chegou outro criado da rainha com uma carta, a qual continha—que el-rei lhe mandasse outra vez Bertoldo, por todos os modos; pois achando-se ella algum tanto molesta, queria passar o tempo com as suas graças, mas isto era tudo pelo contrario, porque o seu verdadeiro intento era fazer-lhe tirar a vida, depois que lhe chegou a noticia de ter sido por conceito seu que aquellas fidalgas tinham recebido aquella reprehensão d'el-rei; pelo que lhe tinham tal raiva, que se o podessem colher ás mãos o lapidariam. Lendo el-rei a carta, e dando fé ao que n'ella lhe escrevia a rainha, disse a Bertoldo:

R.—A rainha te manda chamar outra vez, porque estando alguma cousa indisposta, quer que a vás divertir, e fazer-lhe passar a melancolia com as tuas graças.

B.—Tambem a raposa muitas vezes se finge enferma, para apanhar os frangos.

R.—A que proposito dizes tu isto?

B.—Porque nem tigre, nem mulher, jámais deixou de se vingar.

R.—Ora lê tu aqui, se sabes lêr.

B.—A prática e a experiencia, são os meus livros.

R.—O desdem da mulher nobre logo passa.

B.—As brazas encobertas, deixam quentes por muito tempo as cinzas.

R.—Não ouves tu as boas palavras, que ella te manda dizer?

B.—Boas palavras, effeitos maliciosos, enganam os doidos e os estudiosos.

R.—Ora vae, se has de ir; vae, porque finalmente agua não é espada.

B.—Quem por uma vez ficou escaldado de sôpa quente, assopra n'ella, ainda quando está fria.

R.—De corsario a corsario não se perde mais que os barris vasios.

B.—O borracheiro cuida uma coisa, e o taberneiro outra.

R.—Em servir o proximo nunca se perde.

B.—Servir com damno, Deus t'o dê todo o anno.

R.—Não tenhas medo de nada no meu palacio.

B.—Melhor é ser passaro do campo, que da gaiola.

R.—Ora não te faças desejar mais, vae por uma vez; porque coisa tão rogada, depois pouco agrada.

B.—Bem vae a quem dá exemplo d'esta sorte.

R.—Quem mais está, ainda mais quizera estar.

B.—Quem empurra a nau para o mar, fica em sêcco no estaleiro.

R.—Ora vae aonde te mando, e não receies nada.

B.—Quando o boi vae á morte, sua por diante, e treme por detraz.

R.—Faz animo de leão, e vae sem temor.

B.—Não póde fazer animo de leão, quem tem coração de ovelha.

R.—Vae socegadamente, porque a rainha não te quer mal nenhum: antes se tem rido muito sobre aquella peça.

B.—Riso de senhor, sereno de inverno, chapéo de doido, e trote de mula velha, no jogo de primeira, fazem poucos pontos.

R.—Não te dilates mais, porque toda a tardança, depois é aborrecida.

B.—Ora pois, eu vou, já que tu me ordenas, succeda o que succeder; tanto assim ou passado, é necessario que eu passe pela porta pequena, ou pela grande.

Bertoldo, com uma bella astucia, se livra do primeiro impeto da rainha.

Assim Bertoldo se encaminhou para o quarto da rainha; mas, tendo presenciado que ella tinha commettido aos seus coiteiros de cães, lh'os avançassem todos logo que elle apparecesse, para que por elles fosse tragado (tanto estava raivosa contra elle); primeiro quiz ir á praça, onde, encontrando um saloio que tinha uma lebre viva, lh'a comprou e a pôz debaixo da véstia. Chegando elle ao palacio da rainha, os primeiros que o vieram cumprimentar foram um bando de cães, que vinham correndo com grande furia para lhe avançarem; e sem duvida o matariam a poder de mordedelas, se elle, conhecendo o grande perigo em que se achava, não largasse logo a lebre, a qual, apenas foi vista pelos cães, todos a ella se lançaram para a alcançar, como é natural, ficando assim livre o pobre Bertoldo, sem alguma lesão, d'aquelles agudos dentes; e assim subiu ao aposento da rainha, a qual ficou muito admirada vendo-o vivo, quando cuidava que os cães o tivessem comido: e toda enfurecida lhe disse:

Rain.—Tu estás aqui, monstro salteador?

B.—Assim não estivera, como estou.

R.—Como escapastes dos dentes dos meus cães?

B.—Como? A natureza deu providencia ao accidente.

R.—A mulher do ladrão nem sempre se ri...

B.—Quem vae ao moinho é força que se enfarinhe.

R.—Quem tem as primeiras, nunca fica sem ellas.

B.—Quem merece, leva.

R.—Por esta vez, tu as merecerás.

B.—Não fica enganado, senão quem se fia.

R.—Prometter e não dar, vem por doido contentar.

B.—Quem não póde, paga o bode.

R.—Quem não joga, lá gasta mal o seu d'outros modos.

B.—Parece ser prudente, quem desgraças nunca sente.

R.—Que vá a besta, que torne a besta, é o mesmo.

B.—É necessario que aqui não entreis, dizia a raposa ao lobo.

R.—E comtudo, tu, que és tão astuto malicioso, vieste cahir-me nas mãos?

B.—Paciencia, dizia o lobo ao burro; muitos vão ás bodas, mas não vão á mesa.

R.—Todo o tempo vem a quem póde esperal-o.

B.—Venha embora, pouco entendimento faz de mister.

R.—Atraz do trovão costuma vir a tempestade.

B.—O peixe grande come o pequeno.

R.—Nem todos os gallos conhecem a fava.

B.—Todas as cobras teem a peçonha no rabo; mas a mulher irritada, por todo o corpo a tem.

R.—Tu não escaparás certamente d'esta vez; podes usar quanta malicia souberes; eu farei com que te não possas jactar de fazer mais estratagemas contra as mulheres.

B.—Quem não vae a uma fonte, vae a outra; e quem vae mais depressa, engana o companheiro; e assim despacha-me por uma vez como fôr do teu gosto, conforme disse, em certa occasião, o lobo a um villão; e se nós vivessemos mil annos, não tenhas medo que nos vejamos jámais de boa vontade, nem haja entre nós boa harmonia.

A rainha fez metter Bertoldo dento d'um sacco

Então a rainha, toda enfurecida, fez pegar n'elle, e atal-o muito bem, e depois o fez pôr n'uma camara, junto áquella onde dormia; mas como se não fiava de que lhe escapasse, segundo o que tinha visto n'outras occasiões, por obras das suas astucias, o fez metter n'um sacco, pondo-lhe por guarda um quadrilheiro, para que tivesse conta n'elle até á manhã seguinte, fazendo tenção de o mandar assim deitar ao rio, ou fazer-lhe alguma outra coisa, com que ficasse impedido de nunca mais se rir d'ella com outras zombarias: assim o pobre Bertoldo ficou fechado no sacco, não tendo nunca medo da morte mais que aquella vez; comtudo, concertou no pensamento uma nova astucia para sahir do sacco, como com effeito sahiu admiravelmente d'esta sorte.

Astucia de Bertoldo para sahir do sacco onde o tinham posto.

Estava o triste Bertoldo fechado n'aquelle sacco, com a guarda d'aquelle quadrilheiro, e valendo-se da sua grande astucia, pôz-se a fallar comsigo mesmo, queixando-se d'esta fórma: Ah! fortuna inconstante! como te divertes em maltratar tanto os ricos, como os pobres! E tu, maldita fazenda, a que extremidade me trouxeste? Não me teria sido melhor que meu pae não me deixasse nada; porque assim não me veria reduzido a esta miseria em que me acho? De que me serviu andar vestido n'estes rusticos trajes, para mostrar ser pobre, se agora me descobriram por rico, como sou? Estes malvados, pela cubiça de apanharem para si o que é meu, querem fazer commigo parentesco! Mas seja o que fôr, não haja medo que eu receba tal mulher; porque, sendo eu homem disforme, bem sei que ella nunca seria toda minha; e se a rainha quizer que eu a receba, alguma coisa se verá.

O quadrilheiro começa a interessar-se na fortuna de Bertoldo.

Ouvindo o quadrilheiro estas palavras, teve grande curiosidade de saber a razão d'aquellas exclamações, e como era de natural compadecido, lhe disse:

Quadrilheiro.—Que historia é esta? De que te queixas? Não me dirás, pobre coitado, porque te metteram n'este sacco?

B.—Oh! amigo! a ti não te importa saber minha vida, nem as minhas miserias: deixa-me queixar do meu fado, e tu cuida em fazer o teu officio.

Quadr.—Comtudo, ainda que eu seja quadrilheiro, nem por isso deixo de ser homem, como são todos os mais, e de ter compaixão das calamidades do proximo; com que, se não poder ajudar-te com minhas forças nos teus trabalhos, poderei ao menos dar-te alguma consolação com as palavras.

B.—Pouca consolação me pódes dar; porque é breve o tempo determinado para o que se ha de fazer.

Quadr.—Querem por ventura dar-te açoites?

B.—Peior.

Quadr.—Apolliar-te?

B.—Peior.

Quadr.—Mandar-te para as galés?

B.—Peior.

Quadr.—Mandar-te enforcar, ou esquartejar?

B.—Ainda peior.

Quadr.—Queimar?

B.—Trinta mil vezes peior.

Quadr.—Que diabo te podem fazer peior que isto?

B.—Querem-me casar.

Quadr.—E isso é peior do que aquillo que eu te disse? Deves tu ser algum animal, ou besta? Eu cuidava que te quizessem fazer algum grande mal. Tomae vós lá, querem-o casar! Ora isto sim, que é para se cantar com a viola.

B.—Não é que o casar me seja peior do que esses castigos; mas o modo com que querem que eu receba a mulher.

Quadr.—E com que modo t'a querem dar? Falla claro.

B.—Está ahi alguem mais que tu? Não quizera que alguma outra pessoa me ouvisse, porque então sim, que eu ficaria de todo perdido.

Quadr.—Ninguem está mais do que eu; falla sem receio.

B.—Olha bem, por tua vida, que depois vão dizer tudo o que ouviste; e tu vê bem o que fazes.

Quadr.—Não tenhas medo de nada, porque eu nunca costumei fazer isto, e nem menos d'aqui por diante me verão fazer.

B.—Ora pois, eu de ti me fio, conhecendo, pelo teu bom modo, que és homem de bem; e tambem saiba-se o que se souber, pouco me importa; pois o que ha de ser já não tem remedio.

Quadr.—Conta-me, pois, toda a historia, que eu terei gosto de ouvil-a.

B.—Deves saber, que sendo eu rico dos bens da fortuna, comtudo, com quanto seja disforme, e monstruoso de pessoa, tenho muitas fazendas e terras, e parte d'estas confinam com as d'um certo cavalheiro, que tem uma filha, a coisa mais bella que se possa vêr. Vendo elle as minhas riquezas (supposto que eu seja camponez, e feio como te digo), intenta casar sua filha commigo, tendo-me para este effeito fallado muitas vezes, não já pela pessoa, mas pelas muitas fazendas que sabe eu possuo; pois supponho que da minha vida pouco lhe importa, antes creio que depois de casado me quizera vêr pendurado em uma forca.

Quadr.—Com que és rico?

B.—Torno a dizer-te, que poucos ha da minha condição, que tenham tantos rebanhos de toda a casta d'animaes, tantas terras, tantas fazendas, e por fim tudo o que póde haver.

Quadr.—Quanto poderás ter tu de renda cada anno?

B.—Um anno por outro, sempre hei de ter de renda quinze mil cruzados, e ainda mais.

Quadr.—Apre! Ha muitos condes e marquezes que não teem tanto. E esse cavalheiro é rico tambem?

B.—Elle se acha bem; mas, em comparação do que eu tenho, é mais pobre.

Quadr.—Quanto terá de renda?

B.—Trez mil cruzados e não chega.

Quadr.—Então não é tão pobre como tu dizes; e além d'isso não é nobre?

B.—É nobre. Nobilissimo.

Quadr.—E então não te quer dar nada em dote?

B.—Sim, quer; eu tudo te direi, porque estamos aqui sós; mas não vês que não posso fallar n'este sacco? Se tu o não desatas, de sorte que eu possa pôr a cabeça de fóra, vejo-me suffocado para fallar; e depois poderás fechal-o outra vez, quando tiveres ouvido tudo o que desejas saber.

Quadr.—De muito boa vontade; aqui está aberto; falla, e não estejas triste. Mas tens uma horrenda cara; se o resto do corpo corresponde á cabeça, deves ser um feio animal.

B.—Tira-me fóra todo, e verás a minha bella pessoa.

Quadr.—Sim, mas depois é necesssario que tornes para dentro do sacco, tanto que tiveres fallado, e que eu te feche como estavas.

B. N'isso não teremos nós duvida.

O quadrilheiro tira Bertoldo do sacco.

Quadr.—Ora pois, vem para fóra.

B.—Aqui estou; que te parece este meu corpinho?

Quadr.—Em verdade te asseguro que és um gentil moço. Apre lá! Que bella figura! Eu não tenho visto besta mais feia que tu! A noiva já te viu porventura!

B.—Ella nunca me viu, e para que me

não veja, me fizeram metter n'este sacco, querendo o pae trazel-a a esta camara, para que nos casemos ás escuras, e depois que estiver feito o matrimonio, mostrar-me, porque então não ha remedio senão contentar-se, estando tudo isto assim ajustado; e a mim logo me serão dados em dote dois mil dobrões de Hespanha, que lhe dá a rainha, para que lhe não fuja essa fortuna.

Quadr.—E' bella fortuna certamente, porque terá um menino tão bonito e gracioso como tu, para trazer nos braços. Ora vêde como vão as coisas d'este mundo! A maldita riqueza, quantos homens e quantas mulheres faz cahir n'estas parvoices e soffrer similhantes chascos, ou, para melhor dizer, infernos d'este mundo; vêde um d'estes alarves, que parece monstro infernal, porque tem riquezas, os cavalleiros se prezam de fazer com elle parentesco! Ora, bem diz o ditado, que a riqueza faz estar o tinhoso á janella; eu que sou pobre e que não sou tão monstruoso como este demonio, não acharia similhante ventura; mas a maldita fazenda é causa de tudo: paciencia.

B.—Se tu fosses homem de bem, eu te faria esta noite venturoso.

Quadr.—E de que sorte?

B.—Eu estou resoluto de não receber esta mulher por nenhum modo; porque como me dizem que é formosa como o mesmo sol, está-me parecendo que não será toda para mim, e além d'isto vendo-me ella tão horrendo, poderia fazer-me comer algum bocado d'aquelles que comem a vida; assim, se queres entrar em meu logar n'este sacco, eu te renunciarei esta grande ventura.

Quadr.—Algum ridiculo faria talvez esta parvoice, para depois, quando fosse descoberto, achando-se que não eras tu, lhe fizessem atirar um tiro, e dar um salto d'ancas.

B.—D'isso não receies, porque depois que tiveres recebido a noiva, e que fôres descoberto, tu que és um bom macaco, e não horrendo, como eu, em ella te vendo não dirá que te não quer, e o que está feito não se póde desfazer, nem tornar atraz com as duas mil dobras; e assim entrarás tambem de posse de toda a fazenda; porque o pae é velho, e não póde estar muito tempo sem ir cheirar a terra das sepulturas, e d'esta fórma poderás d'aqui em diante viver com toda a grandeza, e honradamente, sem exercitar este teu officio tão vituperioso e infame.

Quadr.—Tu fazes mui facil a empreza; porém eu não quero pôr-me n'esse risco; anda tu para o sacco, porque a minha pelle vale mais que essas riquezas.

B.—Ora és bem basbaque! Eu me compadeço de ti; mas não sabes o que por todo o mundo se diz; que ao homem animoso é bem de contar fortuna. Que mal te póde succeder, tomára saber, n'este negocio? Parece-te que o pae d'ella te fará alguma coisa depois que te receberes? Tu crês que ella, sendo tão modesta, diga que não te quer! Parece-te que a rainha, sendo tão liberal e generosa, não queira desembolsar o dinheiro para não parecer avarenta! Todos se hão de sujeitar áquillo que o Céo destina, e deixarão passar tudo em silencio; assim irás para casa da noiva, e com o tempo serás herdeiro de tudo, e por todos respeitado como fidalgo. Homem, sabe conhecer a tua fortuna, e vê que nem todos os dias apparecem d'estas occasiões: entra no sacco, e não te dê algum cuidado mais; porque se houver algum perigo para ti, eu o diria, prezando-me de fallar sempre verdade e claro com todos; deixa-te, ir, e ámanhã antes de jantar, saber-me-has dizer se te enganei, ou se verdadeiramente sou teu amigo.

Quadr.—Tu me propões a empreza tão bellamente, que quasi a creio; e estou para me pôr a ella, tendo sempre ouvido dizer, que quem não arrisca, não ganha; quem sabe se esta ventura está preparada para mim por favor do Céo!

Bertoldo mostra não querer o quadrilheiro dentro do sacco para lhe infundir maior desejo.

B.—Eu não posso estar aqui com tantas paroladas; quem não sabe conhecer a sua boa fortuna quando lhe cahe das mãos, depois anda procurando-a todo pezaroso, e não a acha. Se o Céo te quer fazer este beneficio, para que o queres tu desprezar? Mas eu te asseguro que se tivesses conhecimento da minha sinceridade, não farias tantas repugnancias: ora pois, amigo, faz o que te digo: eu não posso estar aqui cansando-me em fazer-te tantos prologos; aqui me torno a metter no sacco, anda fechar-me n'elle, e não tenhas medo que te torne a fallar nunca mais n'este negocio, já que és tão falto de animo.

Quadr.—Espera mais um pouco, que não falta tempo para entrar no sacco.

B.—Quem tem tempo, não espera tempo: eu bem vejo que tu não sabes conhecer a tua ventura, e assim não quero estar aqui mais a quebrar-te a cabeça, e eu a minha, sendo bem tolo quem quer fazer bem a outrem que o não quer, ou o não sabe agradecer.

O quadrilheiro se resolve entrar no sacco

Quadr.—Ora eu conheço verdadeiramente que estas tuas palavras nascem d'um zelo de amor, que me tens, e bem vejo que por meu respeito te prejudicas bastantemente; aqui estou resoluto para entrar no sacco, e fazer tudo o que me tens dito; pois é certo que quando me tiver recebido com esta rapariga, por força será necessario que fique minha, e que todos tenham paciencia se não fôr de sua vontade.

B.—Não, anda fechar-me no sacco, que eu me metterei dentro d'elle.

Quadr.—Espera, não te mettas n'elle, porque eu me metterei; já estou resolvido.

B.—E eu já não quero; vamos, anda atar a bôca do sacco.

Quadr.—Ah! por quem és, amigo meu, não me tires esta ventura; eu te peço por esmola.

B.—Ora vamos, não quero deixar de fazer-te esta caridade; comtudo, ainda que me tenhas feito enfadar alguma coisa, entra dentro do sacco, e não te ponhas a fallar mais, e só espera o que ha de vir; e ámanhã saberás dizer-me o bem que te tenho feito.

Quadr.—Se eu te não conhecesse por homem de bem e sincero, não me deixaria induzir a metter-me n'este sacco; mas bem se está vendo a tua excessiva bondade.

B.—O céo é que te faz dizer isso: ora pois, mette bem de dentro est'outro braço e abaixa alguma coisa mais a cabeça, porque tu és mais alto que eu, e assim não poderei fechar a bôca do sacco.

Quadr.—Ai, ai, que me quebras o pescoço... mas fecha, fecha como quizeres, porque já agora pouco podem tardar a chegar os parentes, segundo o que tens dito.

B.—D'aqui a duas horas ou tres ou mais, estárás despachado... Ora aqui estás fechado, está quieto, não digas mais nada, para que tudo se faça como deve ser.

Quadr.—Eu não fallarei mais... mas encosta-me á parede, senão não poderei estar tanto tempo em pé d'esta fórma.

B.—Aqui ficas encostado; estás agora bem?

Quadr.—Muito bem.

B.—Ora pois, pouca bulha, cala a bôca, e sabe governar-te, como é necessario.

Quadr.—Eu não fallo mais; cala-te tu tambem e deixa vir a noiva.

Bertoldo, tendo enganado o quadrilheiro, deixa-o no sacco em logar d'elle á discrição do furor da rainha.

Depois que Bertoldo fechou no sacco o basbaque do quadrilheiro, cuidou logo em fugir, para não esperar a tormenta, que estava preparada a cahir sobre elle na manhã seguinte; e como era necessario que passasse pela camara da rainha, applicou mais de uma vez o ouvido, para vêr se alguem estava acordado: e não ouvindo nada, porque todos estavam no primeiro somno, abriu muito de manso a porta da sala, aonde ella estava; entrou na sala, e d'aqui passou á camara d'onde dormia a rainha, e chegando-se á camara d'ella, achou que estava muito ferrada no somno, pelo que, quiz fazer-lhe uma peça, tomando-lhe umas roupas com que se vestiu, e assim passou por todas as outras camaras em que dormiam as damas; e tendo achado á cabeceira do leito da ama as chaves de todas as portas, as foi abrindo com muita destreza e sahiu fóra do palacio; mas como tinha cahido muita neve n'aquella noite, que cobria todas as ruas, receiando que se conhecessem as suas pégadas e o apanhassem, voltou os sapatos dos pés ás avéssas, ficando os saltos para diante e as pontas para traz, de sorte que em logar de mostrarem as marcas ter sahido do palacio, parecia que tinha entrado alguem; e assim andou tanto para uma parte e para a outra, que depois de muito tempo, chegou aonde estava um forno, por detraz das muralhas da cidade, e ahi se metteu para se esconder.

A rainha não achando o seu fato, culpa o quadrilheiro, que não estando já no seu logar, o teria furtado e fugido, e põe-se a fallar com elle, cuidando que fallava com Bertoldo, que estava no sacco.

Chegada a manhã, entraram as açafatas para vestir a rainha, e não achando a sua

roupa, que lhe tinham despido na noite precedente, ficaram todas admiradas, sem saberem o que tinha sido feito d'ella; por fim a rainha, mandando vir outras roupas, vestiu-se e sahiu da cama toda furiosa, e foi direitamente á camara em que tinha deixado Bertoldo, sendo maior a sua admiração quando não viu o quadrilheiro que lhe tinha posto por guarda; e assim logo suspeitou que elle lhe tivesse furtado as roupas e fugido, jurando que, se o podésse colher ás mãos, o mandaria logo enforcar; depois, chegando-se para o sacco, disse:

R.—E pois, meu machacás, ainda estás com o mesmo sentido que d'antes?

Q.—Não, senhora, antes estou aqui prompto para a receber o mais depressa que quizer.

R.—Que queres tu receber? alguma surra?

Q.—Ella está prompta?

R.—Agora se prepará em um instante.

Q.—O mais depressa que me despacharem, hei de estimal-o.

R.—Não passará muito tempo que fiques consolado.

Q.—Não chega esta hora de ter essa alegria; ora fazei com que se traga aqui depressa.

R.—Torno a dizer-te que bem depressa te levaremos aonde ella está; estás contente?

Q.—Se as nossas condições são que ella haja de vir a esta camara, e que nos casemos aqui incognitamente, recebendo o dote de duas mil doblas, como quereis levar-me aonde ella está? Mandae que venha cá, que eu farei o que devo fazer.

R.—Que falla este villão ruim de casar e de doblas? Tirae-o fóra d'aquelle sacco, para que lhe veja a cara.

O quadrilheiro sahe fóra do sacco em logar de Bertoldo e a rainha toda pasmada diz:

R.—Quem te pôz n'este sacco, desgraçado?

Q.—Aquelle que havia de ser noivo, o qual não querendo casar-se com essa rapariga que se lhe quer dar, me renunciou esta ventura: assim, póde-se mandar vir a noiva, e ao mesmo tempo o dote das duas mil doblas, que eu aqui estou para fazer tudo o que se deve.

R.—De que noiva, de quaes doblas fallas tu? Dize-o mais claro, para que eu te entenda.

Q.—Aquella noiva que se queria dar áquelle villão, com as duas mil doblas.

R.—Metteu-te elle por ventura isso na cabeça?

Q.—Torno a dizer que elle disse isto com todo o proposito, e para esse effeito me pôz n'este sacco, tendo elle fugido; assim, vamos a concluir isto, emquanto não passa a vontade.

O quadrilheiro leva carga de pau e mandando-o pôr outra vez no sacco assim o fizeram deitar ao rio.

R.—Agora, agora manda vir as doblas, prepara-te tu no entanto para recebel-as, pois eu quero que tu tomes o contrario ás tuas costas.

Q.—Para isso eu aqui estou, e já me parece cem annos, que não chega o tempo de contal-as; porém é necessario advertir, que eu as quero de peso e que tinam bem.

R.—Tu as contarás primeiro, e depois se não forem de peso, eu t'as farei trocar: no entanto, começa a contal-as, e aquellas que te parecerem leves, dize-o.

Dito isto, fez logo apparecer quatro dos seus servos, cada um com o seu bastão, os quaes bem depressa se pozeram a dar com toda a força no pobre quadrilheiro, e sentindo este as pancadas com que tão desalmadamente o maltratavam, se pôz a gritar, chorando e pedindo que o deixassem; mas nada foi bastante para que os outros deixassem de dar, antes a tal estado o reduziram, que parecia morto, e nem isso bastou, porque a rainha o tornou a fazer pôr no sacco e o mandou deitar ao rio. D'esta sorte recebeu este infeliz as doblas de peso, e em logar de dar-lhe a mulher, o deitaram de môlho para sempre no rio Adige.

Bertoldo está no forno e a rainha o manda procurar por toda a parte.

Depois que o desgraçado quadrilheiro foi mandado a beber, fizeram-se todas as diligencias para achar Bertoldo; mas por causa de estarem as suas pégadas ás avessas, nunca poderam comprehender que elle tivesse sahido do palacio, e a rainha o mandou procurar por toda a parte, com tenção de o fa-

zer enforcar, parecendo-lhe intoleraveis as peças de lhe levar as roupas e de deixar-lhe o quadrilheiro no sacco.

Bertoldo é descoberto no forno por uma velha e divulga-se que a rainha estava no forno.

No entanto o pobre Bertoldo estava n'aquelle forno, quieto, onde sabia tudo o que se passava, e começou a receiar muito da morte, arrependendo-se de ter apparecido n'aquella côrte: não se atrevia e sahir fóra para não ser agarrado, sabendo muito bem que a rainha lhe tinha má vontade, e muito mais depois de lhe ter feito estas peças do quadrilheiro e das roupas, temendo que o mandasse enforcar; porém como tinha vestidas as mesmas roupas, que eram compridas, não se acommodando bem dentro do forno, inadvertidamente lhe ficou pendurado de fóra um pedaço da cauda: e quiz a sua má sorte, que passando por alli uma velha, junto do forno, vendo aquelle pedaço das roupas que estavam de fóra, e conhecendo pelas barras que eram da rainha, cuidou que esta estava dentro do forno: e logo correndo foi a casa d'uma sua visinha, a quem disse que a rainha estava n'aquelle forno, levando-a comsigo para que visse a roupa que apparecia; e conhecendo-o tambem aquella, o foram dizendo a quantos encontravam, de sorte que em pouco tempo se soube por toda a cidade, até que chegou aos ouvidos de el-rei.

El-rei duvida que Bertoldo tenha levado a rainha áquelle forno e vae averiguar se assim era.

Ouvindo el-rei aquella nova, cuidou logo que Bertoldo tinha levado a rainha áquelle forno, pois o conhecia tão destro, que suppunha tivesse mandinga, e que assim podesse fazer tudo o que quizesse, fazendo-o suspeitar mais os estratagemas que lhe tinha visto praticar; e assim, correu logo á camara da rainha, para vêr se lá estava, e achando-a muito raivosa do que tinha succedido, que tudo lhe contou, mandou que lhe ensinassem aquelle forno, aonde foi, e olhando para dentro, viu Bertoldo embrulhado nas roupas da rainha, e logo o fez tirar para fóra, ameançando-o que o mandaria matar. Despiram as roupas ao pobre villão, que ficou só com os trapos; e como tinha sujado no forno toda a cara, além de ser mui feio de natureza, ficou que parecia um demonio infernal.

Bertoldo é tirado para fóra do forno e el-rei muito enfadado lhe diz:

R.—Sempre te colhi, villão desaforado, mas d'esta vez certamente não escaparás, se não és o diabo.

B.—Quem está de fóra não entre: e quem está de dentro não se arrependa.

R.—Quem faz o que não deve, lhe succede o que não crê.

B.—Quem lá não vae, não cahe; e quem cahe não se levanta limpo.

R.—Quem se ri na sexta feira, certo chora no domingo.

B.—Desprega quem está pregado, que elle depois te pregará o mono.

R.—Entre a carne e a unha, ninguem pique.

B.—Quem tem defeito é logo suspeito.

R.—A lingua não tem osso, e faz quebrar o caroço.

B.—A verdade sempre está por cima.

R.—Tambem a verdade algumas vezes não se diz.

B.—Não deve fazer, quem não quer que se diga.

R.—Quem se veste com roupa alheia, depressa se despe.

B.—Melhor é dar a lã que a ovelha.

R.—Peccado velho, penitencia nova.

B.—O bolir dos pés é nocivo, quando se põe nos hombros aos enforcados.

R.—D'aqui a pouco tempo tu serás um d'esses.

B.—Mais depressa cego, que feiticeiro.

R.—Ora deixemos de parte essas disputas. Olá, vós regedores das justiças, e vós outros ministros, tomae entrega d'este villão; e mandae-o dependurar em uma arvore, já, já, não se dando ouvidos ás suas palavras. Elle é um villão ruim, um malvado que tem o diabo no corpo, e poderá algum dia arruinar o meu estado, se o deixar vivo. E assim levae-o d'aqui para fóra ao supplicio.

B.—As coisas feitas com muita pressa, nunca sahem boas.

R.—Foi mui grande a offensa que fizeste á rainha.

B.—Quem tem menos razão, grita mais alto. Deixa-me ao menos justificar-me.

R.—Ás tres vae-se o cavallo, e tu já lhe fizeste mais de quatro, todas de grande affronta. Vae-te pois embora.

B.—Por dizer a verdade, hei de padecer a morte? Ah! não sejas commigo tão cruel, por piedade.

R.—Tu muito bem sabes o que diz o dictado: Ouvir, vêr e calar, se em paz queres estar; e quem quer bem á senhora, quer bem ao senhor: e assim não me estejas a azougar os ouvidos, porque quanto mais pedes, mais palavras deitas ao vento; e é o mesmo que se pisar agua no almofariz.

Exclamação de Bertoldo pela sentença que contra elle deu el-rei.

B.—Ora o diabo diz a verdade; ou serve como creado, ou foge como veado; porque, corvos com corvos nunca se tiram os olhos, e os parentes serão levados á forca, mas entre elles não se enforcam; assim, pois, nem tudo o que reluz é oiro, e quem não faz, não erra: palavra e pedra arrancada, não póde tornar atraz; e um tallo de couve é muitas vezes causa da morte de muitas moscas; mas lá vem um que me mostra boa cara e por baixo tem a navalha escondida; e d'esta fórma, melhor é uma onça de liberdade, que dez arrateis de oiro; pois emfim, lobo não come lobo; e o corvo por querer cantar, perdeu o queijo; como a mim me succede; porque tendo andado com cantigas de quem ama, no buraco do gato achei a cama, e agora nem azas de Dedalo me valerão; pois tendo el-rei proferido a sentença, a sua palavra não póde tornar atraz, ainda que se diga, que quem faz, póde tambem desfazer.

Ultima astucia de Bertoldo para escapar da morte.

Ora pois, Bertoldo, aqui é necessario fazer animo de leão e mostrar a tua constancia n'este horrendo passo, sendo certo que quanto mais dura o tormento, mais se tarda a morrer, e já que não se póde vender, melhor é dar que destruir; e assim, aqui estou prompto, ó rei, para receber o castigo que tens ordenado; porém, antes de morrer, desejára me fizesses uma graça, a qual será a ultima que peço.

R.—Péde o que quizeres, que não deixarei de fazert'o. Mas dize depressa, porque me tens já enfastiado com as tuas ladainhas!

B.—Eu te peço que ordenes a estes teus ministros que não me enforquem senão n'aquella arvore que fôr de meu gosto, para assim morrer contente.

R.—Asssm se faça, ouvis? Levae-o embora e não o enforqueis senão na arvore que lhe agradar, sob pena de sahirdes da minha graça. Que queres tu mais?

B.—Não peço outra coisa, e por esta graça vivas mil annos.

R.—Ora adeus, Bertoldo; tem paciencia por esta vez.

Bertoldo não acha arvore nem planta que lhe agrade, e os ministros depois de cansados o deixaram ir embora.

Não comprehendeu el-rei a maxima de Bertoldo, nem os ministros, que o levaram a um bosque cheio de varias plantas, e não achando n'elle nenhuma do seu gosto, o conduziram por quantos bosques havia na Italia; mas nunca poderam achar planta, arvore, ou tronco que fosse do agrado de Bertoldo; de tal modo que, achando-se cansados de muito caminhar e enfastiados de similhante commissão, conheceram a sua grande astucia e o soltaram, pondo-o em liberdade. Depois, tornando diante d'el-rei, lhe contaram todo o successo, de que ficou admirado, louvando o grande juizo e subtileza de um villão, que tinha tão vasto conhecimento e era tão apercebido, mais que quantos havia.

El-rei manda novamente procurar Bertoldo, e tendo-se achado, vae em pessoa visital-o, fazendo-o com grandes rogos e promessas tornar á sua côrte.

Passada a cólera de el-rei, mandou outra vez procurar Bertoldo, e achando-o, lhe mandou rogar que tornasse á côrte, porque tudo lhe estava perdoado; mas elle respondeu: Sôpa refervida e amor reassoprado, não deixa estomago bem assentado, e que não havia thesoiro que pagasse a liberdade. O que ouvido por el-rei, foi em pessoa aonde elle estava, e tanto o rogou e o supplicou, que finalmente o induziu (ainda que contra sua vontade) a ir novamante para a côrte, fa-

zendo com que a rainha lhe perdoasse. Depois, sempre o teve junto a si, e nunca fez nada sem o seu conselho, o que foi causa de irem todas as coisas bem emquanto esteve n'aquella côrte; porém como era acostumado a sustentar-se de mantimentos ordinarios e grosseiros, e com fructos bravios, logo que começou a gostar d'aquelles manjares delicados e substanciaes, cahiu gravemente enfermo com perigo de morte, de que tiveram el-rei e a rainha grande desgosto; e maior foi depois da sua morte, que sempre viveram em a maior tristeza e infelicidade.

Morte de Bertoldo e sua sepultura.

Os medicos não conhecendo a sua compleição, lhe applicavam os remedios que costumavam com a gente mais delicada da côrte; mas elle, que conhecia a sua natureza, lhes pedia que mandassem cozer uma panella de feijões, com sua cebola, e nabos cozidos debaixo da cinza, porque sabia que com taes comeres melhoraria, no que os medicos nunca o quizéram contentar; e assim acabou a vida com estes desejos aquelle que era tido por outro Esopo, e por um oraculo, com grande sentimento de toda a côrte. El-rei o fez enterrar com grande honra: os medicos se arrependeram de não lhe ter dado o que pedia no fim da sua doença, conhecendo que morrera pelo não ter contentado; e el-rei, em perpetua memoria d'este grande homem, fez esculpir na sua sepultura em lettras de oiro os seguintes versos em fórma de epitaphio, e mandou tomar luto á côrte, como se fosse algum fidalgo de sangue real:

N'esta sombria tumba e escura
Um disforme villão está sepultado;
De urso, mais que de homem, tinha figura;
Mas era de engenho tão elevado,
Que pasmar fez o mundo e a natura!
Em sua vida Bertoldo foi chamado:
Querido d'el-rei. Morreu com tenções
De não poder comer nabos nem feijões.

Sentenças de Bertoldo antes da sua morte.

Quem costuma comer nabos, não se metta com pasteis.

Quem está costumado á enxada, não vá pegar na lança.

Quem está afeito ao campo, não se vá metter nas côrtes.

Quem vencer o appetite será grande capitão.

Quem não come de ambas as bandas, não é boa macaca.

Quem olha fito para o sol, e não espirra, guarde-se d'elle.

Quem todos os dias se veste de novo, todas as horas grita com o alfaiate.

Quem deixa os seu negocios para fazer os alheios, tem pouco juizo.

Quem quer fazer cortezias a todos, depressa gasta o chapéo.

Quem dá na mulher, faz murmurar os visinhos.

Quem mede o seu estado, nunca será pobre.

Quem coça a sarna de outrem, a sua refresca.

Quem promette no bosque, deve observar a palavra na cidade.

Quem tem medo dos passaros, não semeia o milho.

Quem faz como o ouriço, estará sempre seguro em casa.

Quem vae para jornada, leve pão na algibeira, e pau na mão.

Quem dá fé ás necessidades, funda os seus pensamentos em nevoa.

Quem põe a sua esperança na terra, se aparta no céo.

Quem é preguiçoso das mãos não vá ao tonel.

Quem te aconselha, em logar de ajudar-te, não é bom amigo.

Quem castiga a cadella, o cão está arredando.

Quem no verão toma o exemplo da formiga, não péde no inverno pão emprestado.

Quem atira o seixo alto, lhe virá a dar na cabeça.

Quem vae á festa e não sabe dançar, não faz outra coisa que occupar o logar.

Quem toma a mulher pela riqueza, a bolsa vae ao marido.

Quem dá o governo da casa ás mulheres, tem sempre quem lhe bata nas portas.

Quem não póde trazer a sua pelle, é bem desastrada ovelha.

Quem gasta o seu em ruins partes, na hora da morte vê a sua conta corrente.

Quem louva um, antes que o tenha pra-

ticado, muitas vezes dá as mentiras a si mesmo.

Quem dá o pão a cães alheios, bem depressa lhe ladram os seus.

Quem não paga os jornaes aos obreiros, nada tem de homem justo.

Quem come ao gosto de outrem, nunca come coisa que lhe faça proveito.

Quem pretende não saber nada, esse é mais sapiente que os outros.

Quem quer emendar os mais, dê bom exemplo de si mesmo.

Quem foge dos appetites terrestres, come os fructos celestes.

Quem se acha sem amigos, é como um corpo sem alma.

Quem solta a lingua antes que o pensamento, não tem nada de prudente.

Quem, quando sahe de casa, cuida no que ha de fazer, quando torna, tem acabado a obra.

Quem dá logo o que promette, dá duas vezes.

Quem pecca e faz peccar a outrem, deve fazer duas penitencias d'uma vez.

Quem para si não é bom, mal o póde ser para outrem.

Quem quer seguir a virtude, é necessario que deixe o vicio.

Quem péde aquillo que não póde esperar de ter, nega a graça de si mesmo.

Quem tem bom vinho em casa, sempre lhe batem com frascos na porta.

Quem escolhe as armas, quer pelejar com vantagem.

Quem navega no mar da sensualidade, desembarca no porto das miserias.

Quem do bem de outrem se entristece, não falta quem se ria do seu mal.

Quem tem a virtude propria, vae seguro á sua jornada.

Testamento de Bertoldo achado debaixo do travesseiro da sua cama depois da sua morte.

Estas sentenças as fez imprimir el-rei em caracteres d'oiro, e pôl-as sobre a porta da sala real, para que todos as podessem vêr, e não se podia consolar com a perda de tão grande homem. Os que tinham ficado com o encargo da camara de Bertoldo, querendo concertar a cama onde elle costumava dormir, acharam debaixo do enxergão uma troixa de trapos, e de escripturas, a qual levaram logo a el-rei, que fazendo a desatar, achou entre aquelles papeis o testamento, que tinha feito muitos dias antes da sua morte, não o tendo dito a ninguem, talvez para que se não soubesse de quem descendia, nem de que terra elle fosse, sendo um homem tão extravagante. Como quer que fosse, ordenou el-rei que fosse chamado o tabellião que o tinha feito, para que o lesse em sua presença; e com effeito veio em um átomo, e fazendo a devida venia a el-rei, lhe disse:

Tabel.—Aqui estou, senhor, para executar o que vossa magestade me ordenar.

R.—Vós é que fizestes o testamento de Bertoldo?

Tabel.—Sim, senhor, eu o fiz.

R.—E quanto tempo ha que o fizestes?

Tabel.—Póde haver tres mezes.

R.—Ora eil-o aqui, tomae-o, e lêde-m'o, porque essa lettra tabelliosa não a entendo bem por causa das extravagantes cifras, que vós lhe costumaes pôr.

Tabel.—Não é só isso, senhor, mas ainda mais, porque eu só sei escrever vulgar, não tendo podido passar nunca dos nominativos, ainda que fui ao estudo vinte e dois annos, e por isso só me passam pelas mãos estas differenças dos villões.

R.—Como vos chamaes?

Tabel.—Eu me chamo Bastião Vilupio, para servir a vossa magestade.

R.—Tendes bello nome certamente, e o sobre-nome tambem póde passar; mas melhor seria, segundo o meu parecer, que vos chamasseis senhor Tacão, pois tambem os deitaes n'estas lettrinhas.

Ora lêde, senhor Bestião, e pronunciae alto, de vagar e claro, que eu possa entender.

O tabellião lê o testamento.

Em nome de bom principio, e seja para bem, etc. Eu Bertoldo, filho do defunto Bertulaço, neto de Bertuço, de Bertim, de Bertulim, e de Bertanha. Vendo e reconhecendo que todos nós, os mortaes, somos como umas bexigas cheias de vento, que qualquer buraquinho as faz vasar, que como cada homem chega aos setenta annos, assim como eu me acho, se póde dizer que tenha chegado ás vinte e tres horas do seu dia, e que as vinte e quatro não podem tardar a dar, e depois boas noites; já que me acho ainda com um

pouco de sal nos miólos, quero deixar dispostos e ajustados todos os meus negocios, fazendo o meu testamento, tanto para minha satisfação, como tambem para satisfazer aos meus parentes e amigos, aos quaes devo alguma obrigação.

Sois vós, senhor Bastião, supplicado para que me rogueis este meu testamento, e ultima minha vontade, a saber—em primeiro logar:

Deixo a Bertoldo, mestre remendão, os meus sapatos de quatro solas e quarenta reis de moeda corrente, por me ter sido sempre amoravel, haver-me muitas vezes emprestado a sovela para coser bem os tacões, e outros favores que me fez.

Item a Ambrosio, varredor da côrte, cincoenta reis de moeda corrente, por me ter levado muitas vezes os calções a concertar, e outros recados que me fez, etc.

Item a Barba Sabuco, hortelão, o meu chapeu de palha, por me ter dado algumas vezes um maço d'alhos pela manhã muito cedo, para fazer-me bom estomago, e dar-me maior appetite.

Item a Manoel Allegrato, taverneiro, a minha cinta larga, e o afogador, por me ter enchido o barrilinho todas as vezes que me era necessario, e outros favores.

Item a Gil Corque Martins, cozinheiro, a minha faca com bainha, por me ter algumas vezes cozido os nabos debaixo da cinza, e dado tijellas de feijões com cebolas, comeres que se dão bem com a minha natureza, mais que as tortas, perdizes e pasteis.

Item á tia Pandora, lavadeira, o meu enxergão em que durmo, duas bancas com pés quebrados, e tres varas de panno de estopa para fazer dois aventaes, e isto por me ter muitas vezes lavado a roupa branca, e tido conta n'ella, etc.

Item deixo a Figuete, moço da côrte, vinte e cinco chicotadas com um bom açoite, por me ter furado o bispote, e feito cahir o mijo na cama; por me pendurar um foguete nas costas, por me sujar um sapato, e outras peças que me fez; e isto desejo seja feito logo, logo, porque elle é desavergonhado, etc.

R.—N'isso não haja duvida. Continuae para diante, senhor Bastião.

Tabel.—Item, porque quando vim a esta côrte (que nunca tivesse vindo) deixei Marcolfa, minha mulher, com um filho, chamado Bertoldinho, que póde ter dez annos, pouco mais ou menos, e nem mesmo deixei dito para onde vinha, a fim que não viessem atraz de mim, pois não teem focinho para apparecerem n'estes logares, parecendo mais depressa macacos, que outra coisa: e tendo eu umas terras e alguns animaes, deixo a minha mulher senhora de tudo, emquanto o filho não tiver vinte e cinco annos, porque então quero seja elle senhor de tudo: com condição, que se se quizer casar, não se misture com gente de maior qualidade do que elle.

Que não se domestique com os seus maiores.

Que não faça damno aos seus visinhos.

Que coma quando tiver, e que trabalhe quando podér.

Que não se deixe curar por medico enfermo.

Que não se deixe sangrar por sangrador que lhe trema a mão.

Que dê a todos o que devem haver.

Que seja vigilante nos seus negocios.

Que não se intrometta no que lhe não importa.

Que não faça compras n'aquillo que não conhece.

E sobre tudo, que se contente do seu estado, nem deseje mais; e considere que muitas vezes o cordeiro vae adiante da ovelha, isto é, que a morte tem a foice na mão para atirar o golpe tanto á velha como ao moço; que se tiver cuidado de observar todas estas coisas, nunca topará em nada que lhe dê damno, será feliz, e terá bom fim.

Item, não me achando com mais nadã, porque nunca quiz aceitar o que me offerecia o meu rei por muitas vezes, querendo dar-me anneis, joias, dinheiro, vestidos, cavallos e outras riquezas, porque se as tivesse recebido, não teria descanso, talvez faria mil insolencias, malquistando-me com todos, e figurando, como alguns, que de baixos, e drogas que são, sobem por fortuna a altas e sublimes dignidades, e nem por isso se limpam nunca do lodo de que estão cheios; —eu me contento de morrer pobre, e saber que nunca me servi da adulação para com o meu rei; mas sempre o aconselhei fielmente em todas as occasiões que me pediu o meu parecer, fallando, e dizendo livremente tudo o que entendi, e não d'outra sorte; para mostrar-lhe do mesmo modo no fim da minha vida o affecto que lhe tenho, lhe deixo estes

poucos documentos, os quaes não levará a mal de acceitar, e tambem observar, ainda que seja d'um rustico villão, e são os seguintes:

Que tenha a balança justa tanto para o pobre, como para o rico.

Que faça vêr com grande attenção os processos, antes de chegar ao ponto de sentencear.

Que não condemne ninguem quando estiver enfadado.

Que se bemquiste com o seu povo.

Que premeie os bons e os virtuosos.

Que castigue os delinquentes.

Que lance fóra os aduladores, e lisongeiros, e as linguas maldizentes, que mettem scisma pela côrte.

Que não dê nenhuma sorte de gravame aos seus subditos.

Que proteja as viuvas e os pupillos, defendendo as suas causas.

Que faça despachar as demandas, ouvindo os pobres demandistas, não os deixando subir e descer tantas vezes as escadas dos tribunaes, e as dos ministros.

Que observando estes avisos, viverá contente e alegre, e será tido universalmente por excellente e justo senhor.

E aqui acabo.

Ouvindo el-rei o perfeito testamento e insignes lembranças que lhe deixou Bertoldo, não pôde sustentar as lagrimas que lhe sahiram dos olhos, e considerando a sua grande prudencia, e amor, e a lealdade que em sua vida tinha n'elle conhecido, e ainda na sua morte; e assim mandou dar ao tabellião cincoenta ducados, e o despediu; e depois, qual outro Alexandre Magno, que conservou entre as suas preciosas joias, a Illiada de Homero, assim elle fez pôr o dito testamento entre as coisas de maior valor.

Mandou que se fizessem deligencias para achar sua mulher Marcolfa, e seu filho Bertoldinho, conduzindo-os á cidade; pois os queria por todos os modos na sua côrte, em memoria de Bertoldo; e com effeito, tendo ido alguns cavalheiros em procura d'elles por quantos montes e bosques havia mais visinhos, como el-rei lhes tinha dito que não tornassem á sua presença sem lh'os levar, tanto andaram que finalmente os acharam, e do que aconteceu, se mostrará em outro livrinho.

OUTRAS HISTORIAS Á VENDA NA LIVRARIA—LELLO & IRMÃO

18—RUA DO ALMADA—20

Amores (Os) de Galatéa, por Antonio Joaquim de Carvalho; seguidos de sete lyras pastoris: a Marilia de Dircéo, por T. A. Gonzaga.
Auto do dia do Juizo.
Auto da muito dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo; conforme a escreveram os quatro Evangelistas, pelo padre Francisco Vaz de Guimarães.
Auto novo e curioso da Padeira de Aljubarrota, por Diogo da Costa.
Auto de Santo Aleixo, filho de Eufemiano, senhor de Roma.
Auto de Santa Barbara, virgem e martyr.
Auto de Santa Catharina, virgem e martyr.
Auto de Santa Genoveva, princeza de Brabante.
Auto da Vida e Milagres de Santo Antonio de Padua, da ordem de S. Francisco, natural de Lisboa.
Aventuras de Robinson de Crusoé em uma ilha deserta, escriptas por elle mesmo, e abreviadas por Antonio Coutinho. Edição adornada de estampas intercalladas no texto.
Collecção de Loas para se representarem antes dos entremezes e autos.
Confissão geral do marujo Vicente.
Contos de Fadas e Lubishomens.
Contos da minha Avó.
Cornelia ou a Victima da Inquisição.
Grande Milagre que fez Nossa Senhora de Monserrate na companhia do Menino Jesus.
Grande Milagre que fez Nosso Senhor Jesus Christo a uma mulher que vivia nas montanhas.
Historia dos Amores de Mathilde e Maleh-Adhel, ou Memorias extrahidas das cruzadas.
Historia do Anão Amarello e da Ave Azul.
Historia do Califa Cegonha.
Historia Curiosa da Vida do Conde de Castella, e dos sete Infantes de Lara.
Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, por Carlos Ferreira, lisbonense.
Historia da Formosa dos Cabellos d'Ouro.
Historia do Grande Roberto, duque de Normandia e imperador de Roma.
Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, por J. A. R.
Historia da Imperatriz Porcina, mulher do imperador Lodonio de Roma.
Historia de João de Calais.
Historia jocosa dos Tres Corcovados de Setubal: Lucrecio, Flavio e Juliano.
Historia de Paulo e Virginia.
Historia da Princeza Magalona, filha de el-rei de Napoles, e do nobre e valoroso cavalleiro Pierres, Pedro de Provença.
Historia do Propheta e Santo Rei David.
Historia de Santa Comba dos Valles, a flôr peregrina dos montes, composta em verso pelo doutor Antonio Ferreira.
Historia da Vida e feitos do engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.
Historia das Vidas de Santa Maria Egypciaca, Santa Thais e Santa Theodora, penitentes.
Malicia das mulheres e Maldade dos homens.
Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior. Nova edição.
Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo.
Testamento que fez Manoel Braz, mestre sapateiro.
Tragedia do Marquez de Mantua, por Balthazar Dias.
Viagens e aventuras incriveis do celebre Barão de Kacaracá.
Vida e famosas acções do Celebre Cosme Manhoso.
Vida de Cacasseno, filho do simples Bertoldinho, neto do astuto Bertoldo.

Porto—IMPRENSA MODERNA—Rua de Passos Manoel, 55 e 57.